









A faint, circular stamp is visible at the top center of the page, partially obscured by a white rectangular mark. The stamp's details are illegible due to fading.

Versos Portugêses



L. 60r  
S1255v

II — Biblioteca Clássica Popular

SÁ DE MIRANDA, Francisco de

# Versos Portugêses

EDIÇÃO REVISTA  
POR DELFIM GUIMARÃES

Brito Monteiro Guimarães, Delfim

556541  
141.53



Livraria Editora  
GUIMARÃES & C.<sup>a</sup>  
68, Rua de S. Roque, 70  
Lisboa — 1909





# Versos Portugêses

---

## SONETOS

### I

#### **Ao príncipe D. João**

A príncipe tamanho cujo rogo,  
E mais aos seus, inda é mais que mandar,  
Que posso eu al fazer se não passar  
Pela ágoa, pelo ferro e pelo fogo?

Se me firo, ou me queimo, ou se me afogo,  
Se dou de mim ao mundo em que falar,  
Fácilmente se pode desprezar  
Tal dano, e inda mal que não foi logo!

Era já tudo como encomendado  
A' traça, ao pó da aldeia e sua rudeza,  
Entre teias de aranha sepultado . . .

Já 'gora, gram senhor, tudo despreza  
Quem sae á praça por vosso mandado;  
Basta-lhe o nome só de vossa alteza.

## II

Inda que em vossa alteza a menor parte  
(Em quem Deus ajuntou tantas, e taes!)  
Seja esta, todavia entre as reaes  
Se contou ela sempre em toda parte.

Dar favor aos engenhos, e a toda arte  
Das boas, faz os reis aqui imortaes  
Por fama, e, passando avante mais,  
Uns fez deuses de todo, outros em parte.

Á guerra leva o mór Scipião consigo  
As musas, brandas de seu natural,  
Que assim, sem armas, são de altas ajudas.

Elas nos contam do bom tempo antigo!  
Caíram as estátuas de metal...  
Que al se podia esperar de cousas mudas?

## III

Tardei, e cuido que me julgam mal,  
Que emendo muito, que, emendendo, dano.  
Ah, senhor, que hei gram medo ao mau engano  
D'este amor que a nós temos desegual.

Todos a tudo o seu logo acham sal;  
Eu risco, e risco, vou-me de ano em ano.  
C'um dos seus olhos só vae mais ufano  
Filipe, assi Sertório, assi Anibal.

Ando c'os meus papeis em difreenças.  
São preceitos de Horácio, me dirão.  
Em al não posso, sigo-o em aparenças.

Quem muito pelejou, como irá são?  
Quantos ledores — tantas as sentenças!  
C'um vento velas veem, e velas vão!

## IV

Aquela fé tam pura e verdadeira,  
A vontade tam limpa e tam sem mágoa,  
Tantas vezes provada em viva frágua  
De fogo, e hi apurada, e sempre inteira;

Aquela perfeição que achou maneira  
De encher de fogo o peito, os olhos de ágoa,  
Por quem, ledô, eu passei por tanta mágoa,  
Culpa minha primeira, e derradeira,

De que me aproveitou? Não de al, por certo,  
Que d'um nome sòmente leve e vão,  
Custoso ao rosto, e mais custoso á vida!

Dei que falar em mim ao longe e ao perto.  
Consolára-se já a alma perdida  
(Pois piedade não acha) achar perdão!

## V

Em pena tam crúel — tal sofrimento,  
Em dor tamanha — dor que nunca aliva;  
Chamar a morte sempre, e que inda viva,  
Como se fôra vida este tormento!

E ver no mal (que todo entendimento  
Naturalmente foge) estranha e esquiva  
Jazer tam de vagar alma cativa,  
A quem não fará crer que é tudo um vento?

Bem sei uns olhos que teem toda a culpa,  
E são os meus, que a toda a parte vêm  
E aquilo que vêm sempre, isso, os desculpa.

O' minhas visões altas! meu só bem!  
Quem vos a vós não vê, esse, vos culpa,  
E eu sou só quem vos vê, outrem ninguem.

## VI

Desarrazoado amor dentro em meu peito  
Tem guerra co' a razão. Amor, que jaz  
Hi já de muito tempo, manda e faz  
Tudo o que quer, a torto ou a direito.

Não admite razões, tudo é despeito ;  
Tudo soberba e força ; faz, desfaz,  
Sem respeito nenhum ; e, quando em paz  
Cuidaes que sois, então tudo é desfeito.

D'outra parte a razão tempos espia,  
E espia ocasiões, de tarde em tarde,  
Que ajunta o tempo ; em fim vem o seu dia.

Então não tem lugar certo em que aguarde  
Amor, e traições trata, que não fia  
Nem dos seus. Que farei quanto tudo arde ?

## VII

Aquelas esperanças que eu, metido  
A tormento, lancei fora por vans,  
Que fazem ainda aqui co' as minhas sans  
Contas, feito em pó já tudo, e bebido ?

Como ? E será tam cego, e sem sentido  
Amor, que umas razões claras tam chans  
Não ouça, e que não veja tantas cans,  
Tanto tempo baldado, e não vivido ?

Esta alma, tantas vezes enganada,  
Não tornará por si, não fará conta  
Co'a despesa, c'o sol e co'a jornada ?

Quem do mar escapou, quanto mal conta !  
Que perigos sem fim ! mas logo brada  
Outra vez aos da nau na terra afronta !

## VIII

Amor que não fará? Fez-me engeitar  
Tam levemente a mim por quem me engeita!  
Castelos de esperança e de suspeita  
Faz, e não sei que faz! tudo é no ar!

Fez-me pedras colher, fez-m'as lançar.  
Aperta-se a alma triste, em si encolheita,  
A força que fará, e á lei estreita,  
Queira, ou não queira, em fim ha de passar.

Ora tam cego era eu que da vontade  
Tudo fiei, que tudo a través guia,  
Tamanha imiga minha e da verdade!

Que al se podia esperar de uma tal guia?  
Caí onde ora jazo, ó crueldade!  
Não sei quando é de noite e quando é dia!

## IX

Não sei que em vós mais vejo, não sei quê  
Mais ouço e sinto ao rir vosso e falar;  
Não sei que entendo mais té no calar,  
Nem, quando vos não vejo, a alma que vê.

Que lhe aparece em qual parte que estê,  
Olhe o ceu, olhe a terra, ou olhe o mar,  
E, triste, aquele vosso suspirar  
Em que tanto mais vae, que direi que é?

Em verdade, não sei que é isto que anda  
Entre nós, ou se é ar, como parece,  
Ou fogo d'outra sorte, e d'outra lei. . .

Em que ando, de que vivo, e nunca abranda  
Por ventura, que á vista resplandece!  
Ora, o que eu sei tam mal, como direi?

## X

Alma, que fica por fazer desde hoje  
Na vida mais, se a van minha esperança,  
Que sempre sigo mais, sempre me foge  
Por onde a vista alcança e não alcança?

Fortuna, que fará? Roube e despoje,  
Prometa d'outra parte em abastança,  
Que já não ha que me alegre ou que me enoje.  
Quantos pesos tiver, lance á balança.

Chorei dias e noites, chorei anos,  
E fui de longe ouvido, pelo escuro,  
Gritando; acrescentei sempre em meus danos.

Agora, que farei? por Amor juro  
De tornar a cantar fora de enganos,  
E, por muito, do mal posto em seguro.

## XI

O Sol é grande, cáem co'a calma as aves.  
Do tempo em tal sazão que sóe ser fria,  
Esta ágoa, que cae d'alto, acorda-me-ia,  
Do sono não, mas de cuidados graves . . .

O' cousas todas vans, todas mudáveis,  
Qual é o coração que em vós confia?  
Passando um dia vae, passa outro dia,  
Incertos todos, mais que ao vento as naves!

Eu vi já por aqui sombras e flores;  
Vi ágoas, e vi fontes, vi verdura;  
As aves vi cantar todas de amores.

Mudo e seco é já tudo! e de mistura  
Tambem fazendo-me eu fui d'outras cores . . .  
Se tudo o mais renova, isto é sem cura!

## XII

Quando eu, senhora, em vós os olhos ponho,  
E vejo o que não vi nunca, nem cri  
Que houvesse cá, recolhe-se a alma em si,  
E vae tresvariando como em sonho.

Isto passado, quando me disponho  
E me quero afirmar se foi assi,  
Pasmado, e duvidoso do que vi,  
Me espanto ás vezes, outras me envergonho.

Que tornando até vós, senhora, tal,  
Quando havia mister tanta outra ajuda,  
De que me valerei, se alma não val' ?

Esperando por ela, que me acuda,  
E não me acode, está cuidando em al ;  
Afronta o coração, a língua é muda.

## XIII

**A Diogo Bernardes**

Neste começo de ano, em tam bom dia,  
Tam claro, porque não faleça nada,  
Me foi da vossa parte apresentada  
Vossa composição, boa á porfia.

De que espanto me encheu quanto ali via !  
E mais em parte cá tam desviada  
Sempre até'gora da direita estrada  
De Clio, de Calíope e Talia !

Oh ! que inveja vos hei a esse correr  
Pela praia do Lima abaixo e arriva,  
Que tem tanta virtude de esquecer,

E que estes tristes corações aliva  
Do pesar igualmente e do prazer  
Passado, que não quer que ainda homem viva.

## XIV

**A Francisco de Sá de Meneses**

A' vossa verdadeira penitente  
Quam bem que lhe guardaes pontos devidos !  
Do Sepulcro, os Apóstolos partidos,  
Ela não parte. Vêde o que ali sente !

E assim mereceu ver primeiramente  
A Deus, que fosse em hábitos fingidos ;  
Tudo amor vence ! Altíssimos sentidos  
A quem tal hortelão se faz presente.

Gregório a põe por uma, outros doutores  
Fazem-na três ; após Gregório vão  
Depois os mais, com todos os pintores.

Aqueles direi eu, senhor, que são  
Aqueles, outra vez, que são amores ;  
Tantos suspiros, e um só nunca em vão !

## XV

**A' morte de sua mulher**

Aquele esp'rito já tam bem pagado  
Como ele merecia, claro e puro,  
Deixou de boa vontade o vale escuro,  
De tudo o que cá viu como anojado.

Aquele esp'rito que, do mar irado  
D'esta vida mortal posto em seguro,  
Da glória que lá tem de herdade e juro  
Cá nos deixou o caminho abalisado.

Alma, aqui vinda nesta nossa idade  
De ferro, que tornaste á antiga de ouro,  
Em quanto cá regeste a humanidade,

Em chegando ajuntaste tal tesouro  
Que para sempre dura ! Ah vaidade !  
Ricas areias d'este Tejo e Douro !



## XVI

Este retrato vosso é só sinal,  
Ao longe, do que sois, por desamparo  
D'estes olhos de cá, porque um tam claro  
Lume não pode ver vista mortal.

Quem tirou nunca o Sol por natural,  
Nem viu (se nuvens não fazem reparo)  
Em noite escura, ao longe, aceso, um faro?  
Agora se não vê, ora vê mal...

Para uns taes olhos, que ninguem espera  
De face a face, gram remédio fôra  
Acertar o pintor vêr-vos dormindo.

Mas, inda assim, não sei que ele fizera,  
Que a graça em vós não dorme em nenhuma hora.  
Falando, que fará? Que fará, rindo?

## XVII

**Em resposta a um soneto  
de Pedro d'Andrade Caminha**

Assim que me mandáveis atrever  
A versos já das Musas asselados,  
E áquela grande Sílvia consagrados?  
Icaro me põe medo, e Lucifer.

Os meus, se nunca acabo de os lamber,  
Como ursa aos filhos mal proporcionados,  
(Ah passatempos vão! Ah vão cuidados!)  
A quem posso, porém, nisso ofender?

Tudo cabe no tempo, entregue ao dano,  
Depois á perda! Diga-me esta gente:  
Qual anda o furioso assi emendado?

Deixo as cousas sagradas, que um profano,  
Leigo como eu, tocá-las tam sòmente  
Não é de siso são, mas abalado.

## XVIII

**Em resposta a um soneto de D. Manoel  
de Portugal**

Tantas mercês, tam desacostumadas,  
Como as posso eu servir devidamente?  
Farei como já fez um inocente,  
Um rústico pastor d'entre as manadas,

Que de ágoa ofereceu por mãos lavadas  
A Xerxes; bebeu le, e santamente  
Jurou que não bebera té o presente,  
Com tal sabor por copas de ouro obradas.

Senhor Dom Man el, se a só clareza  
De um peito aberto, e limpo, e fé lavada,  
Muito merece, — muito vos mereço.

A pedraria vanmente estimada,  
Os vasos cristalinos de Veneza  
Lá se acham; eu aos meus palmos me meço,

## ÉCLOGA ENCANTAMENTO

**A D. Manoel de Portugal**

### I

Filho d'aquele nobre e valoroso  
Conde mais junto á gram Casa Real,  
Que bastara dizer do Vimioso,  
Senhor Dom Manoel de Portugal,  
Lume do paço, das Musas mimoso,  
Que certo vos darão fama imortal;  
Quando homem cuida que no cabo estaes,  
Tornando olhos a vós, por vós passaes.

### II

Em que vos servirei cá d'este monte?  
Tal mercê nesta terra pouco usada,  
Mas muito noutra, ali logo defronte,  
Aquela écloga vossa me foi dada,  
Encostado jazendo á minha fonte.  
De versos estrangeiros variada,  
Parecia que andava a colher flores  
Co'as Musas, co'as Graças, c'os Amores.

## . III

Então, tornando em mim, disse comigo:  
 Certamente eu trazia errada a conta,  
 Que inda ha quem nos renove o tempo antigo  
 De que tanto se escreve e tanto conta.  
 Agora me repreendo e me castigo,  
 Que fiz á nossa Lusitânia afronta ;  
 Cuidei que só buscava prata e ouro,  
 Buscastes-me no meu escondedouro.

## IV

Andando após a paga, houve aos sisos  
 Medo (que assi o confesso) e a uns pontosos  
 De rostos carregados, e de uns risos  
 Sardónios, ou, mais claro, maliciosos.  
 Quem tantos tentos, quem tantos avisos  
 Terá que ampare os golpes perigosos ?  
 Em fim, Senhor, pastores se adiantem,  
 E, quanto mal vier, cantando espantem.

## V

Querem-vos por senhor, não por juiz,  
 Rigores a departe, que são dinos  
 De perdão 'os começos, já que fiz  
 Aberta aos bons cantares peregrinos ;  
 Fiz o que pude, como por si diz  
 Aquele um só dos líricos latinos.  
 Ora provemos já a nova lingoagem,  
 E ao dar a vela ao vento: *boa viagem!*

**Pastores da Écloga**

*Gonçalo, Bieito, Inês, Beatris*

## GONÇALO

Quantas cousas, Inês, madrinha e tia,  
 Se me vão descobrindo de hora em hora!  
 Inda que eu faça corpo, gesto, e ria,

Pela alma de quem mais não pode, afora  
Outros respeitos, cumpre ter paciência  
Té que seja da vida ou da dor fora.

Aos erros é devida a penitência  
Por conta, por medida, por balança.  
Seja juiz a própria consciência.

Porém quando, ao contrário da esperança,  
Em vez de galardão acode pena,  
Quem terá sofrimento em abastança?

Amor, que por antolhos tudo ordena,  
Bem pouco se lhe dá de que a fé santa  
Se quebre com gram culpa, ou com pequena.

Faz uma e outra pausa o galo, e canta.  
Eu eis-me aos pés, ora eis-me á cabeceira,  
Té que o mesmo trabalho me levanta.

E vou-me ao meu fuzil e pederneira,  
Em fogo aceso, o fogo acendo, e ando  
Do quente ao frio, do frio á fogueira.

Assim vanmente, triste, porfiando,  
Dou volta á cama; abrolhos me atormentam,  
De claro em claro o coração passando.

As que nos braços sangue novo aventam,  
Vieram ter ao meu; chamam-lhe Estrias,  
Que a tantas de creanças arrefentam.

E di-seram por mim: viva alguns dias,  
Que assim lh'apraz aos fados, e tiveram  
As mãos quedas em si, e as unhas frias.

Mas que falsa, de mim, piedade houveram!  
Quanto melhor me fôra que n'um ponto,  
Em paz, d'essa outra parte me puseram!

Depois seguiu-se um conto, e outro conto,  
Tempos tam desvairados, que assemelham  
Mais da fortuna os jogos que não conto.

Os fracos corações logo ajoelham,  
Desmaiam logo, vendo-se em tal laço.  
Em poder da má dor, mal se aconselham!

## INÊS

Afilhado e sobrinho, juras faço  
Que d'isso mais não sei certo que seja  
Só que perdeste muito em pouco espaço.

Quem não morria por aqui de inveja  
De ti, sobrinho, em tudo o que fazias,  
Que em tudo manha e graça te sobeja?

Todos, nas festas onde aparecias,  
Um côr, outro tenção, logo mudava,  
E sumia se outro entre as companhias.

Onde cantavas, ninguém mais cantava,  
Onde tangias, ninguém mais tangia!  
Onde tu te despias, quem lu ava?

E lembra-me que estando ora qual dia  
Comigo Grimanesa e Beatris,  
Tinhamos entre nós certa porfia.

Como vês que uma diz e que outra diz,  
Naquele próprio ensejo eis que passavas;  
Passando, disseste alto: — «Eu que lhe fiz?»

Parece que contigo pelejavas,  
Como acontece ás vezes, bracejando,  
Que não davas vagar, nem o tomavas.

Vi-te, ouvi-te, calei-me senão quando  
Disse uma contra mim: — «Qual vae Gonçalo!»  
— «Vae, disse eu, como muitos, fadejando.»  
— «Tudo aquilo são mimos; já fez calo!»  
Disse outra, nuns assanhos de mimoso,  
«Ou se olho mau lhe fez algum abalo!»

Quando eu aquilo vi já perigoso:  
— «Achastes vós, lhe disse, outro zagal  
«A quem chamardes vão, a quem pontoso?»

A primeira ficou como um coral,  
A segunda de todo descòrada,  
Parece que ambas o tomaram mal.

Mas tudo isto, sobrinho, é pouco ou nada,  
Salvo que ás vezes estes nadas são  
Muito ao miolo que já traz pancada.

## GONÇALO

Quantos sonhos que veem, quantos que vão!  
Coitado do dormente que assim jaz,  
Ora torcendo-se, ora rindo em vão!  
Quanta conta se faz, quanta desfaz!  
Erradas as pequenas, e as maiores,  
Ou feitas com queixumes, ou com paz.

## INÊS

Certo, mal comedidos são pastores,  
(Haja eu de ti perdão!) sempre queixosos;  
Não os posso entender em seus amores.  
Tam maus de contentar, tam ravinhosos!  
Não sabem estremar o mal do bem,  
Sempre agravados, sempre suspeitosos!

## GONÇALO

Mal te saberia ora por ninguem,  
Nem por mim, responder seja o que for;  
Corram ventos d'aquem, corram d'alem.  
Mas dize, tia, pelo meu amor,  
Isso das mais gabadas d'esta terra,  
Quanto ha que foi? Renova a minha dor!

## INÊS

Pòr certo, se a memória me não erra.  
Voltando, o sol depois não se escondeu  
A nós; dez vezes dez deu vista á terra.  
Inda te digo mais que aconteceu  
O que te disse ali naquele logo:  
Onde tu já contaste, outrem gemeu.  
Dia de muito riso e muito jogo,  
Venceste á luta ao pário, e ao cajado,  
E depois nos cantaste a nosso rogo.  
O teu cantar tam brando e tam gabado,  
No som, e nas palavras tam queixoso:  
*«Onde me acolherei? tudo é tomado!»*

## GONÇALO

Como este Sol dá voltas tam trigoso !  
Quanto que já folguei de ouvir cantares,  
E quanto de os cantar fui cubiçoso !

De todos me esqueci, tantos a pares !  
Até as vontades muda, e tudo leva  
Consigo, e do prazer faz maus pesares !

Ele é o em que vae tudo o que releva ;  
Ele faz e desfaz as agonias ;  
Não olhes mais se chove, venta ou neva !

Mas quanto ao meu cantar, que antes dizias,  
Isso me lembra bem, que era em setembro,  
Quando dão volta as noites sobre os dias.  
De mais, quero provar se inda me alembro.

*Canta :*

## I

Onde me acolherei ? tudo é tomado !  
Não parece esperança aqui nenhuma,  
Sombras feias e negras, mal pecado,  
Estas sim que aparecem ; cousa alguma  
Não ficou por fazer. Como o passado,  
Será o que é por vir ! Ouça-me a Lua  
Delgada que transpõe pelo alto monte ;  
Seus trabalhos c'os meus coteje, e conte !

## II

Que, se os velhos solaus falam verdade,  
Bem sabe ela por prova como Amor  
Magôa, e haverá de mim piedade.  
Endimião tam formoso, e tal pastor,  
Entre as flores dormia em fresca idade ;  
Olhando ela do Ceu, perdia a cor,  
Té das flores ciosa e da ágoa clara,  
Que o seu formoso Amor lhe adormentara.



## III

Contam e contam mais que houve um tirano,  
De grande poderio e grande haver,  
Que vendo a bela moça em corpo humano,  
Que andava a colher rosas a prazer,  
Salteou-a, roubou-a, e foi-se ufano ;  
Por força ou por vontade houve de ser.  
Riquezas más, injusto senhorio,  
Que ajuntaes á vontade o poderio !

## IV

Ora a mãe perguntando longamente  
Por um só bem que tinha, onde o achará,  
De uma gente passando em outra gente,  
Tambem os Deuses culpa. Ah sorte má,  
E justiça maior, que tal consente,  
Buscando por demais tudo o de cá,  
No Reino achou de sombras vans coberto,  
Eis c'o genro cruel vem a concerto.

## V

Partem o tempo entre si, que era devido  
De todo á mãe roubada — ah que dos Reis ! —  
Que d'ali veio o nome de partido,  
Que sempre forçado é, e contra as leis,  
Mas que fará quem tudo tem perdido ?  
As vossas lágrimas, que as enxugueis !  
Triste, quem poderá fugir ao fado ?  
Onde me acolherei ? tudo é tomado !

## INÊS

Não te deixaram uma e outra fonte  
Dos teus olhos cantar mais por agora,  
E os meus já aqui tambem punham-se a monte.  
Andamo-nos assim de foz em fora,  
De nosso porto sempre em diferenças,  
Sempre esperando em vão ver melhor hora.

Para o corpo se acharam mil doenças  
E para a alma cem mil outras piores,  
Tantos acordos, tantas desavenças !

A' mocidade van governam amores ;  
Estendem-se inda ás vezes té á velhice,  
Quando já tudo é presa, tudo dores.

Que cousa falta ali para doudice ?  
As mãos, os olhos desassocegados,  
Choros e gritos como em meninice.

Aqueles seus suspiros apressados,  
Aquele ir e tornar, que nada atina ;  
Aqueles seus imigos, seus cuidados !

### GONÇALO

Passou ora qual dia ãa sanfonina  
Pela aldeia cantando. Ele era cego ,  
Guiava-o, loura e branca, uma menina.

Tambem aquele não tinha assocego.  
Chegámo-nos, a ouvir, certos pastores,  
Pelaio, Pedro, João, Gil e Diego.

Parece que suava inda suores  
Mortaes, e que do peito lhe saíam  
Suspiros mil. Cantou males de amores ;  
Fez-nos entristecer, quantos ouviam.

### *Cantiga do Cego*

Un tiempo miró-me Helena,  
Sospeché que era amor, mas  
Juré no miral-la mas ;  
Nunca cosa hize tan buena.

Amor anda en sus consejas,  
Mas bien seria yo loco  
Si en sus malas mañas viejas  
Mucho fiase ni poco.  
Alma de lastimas llena,  
A que vienes y a que vas ?  
Que puedes negar, Helena,  
A quien los tus ojos das ?

Enemiga suerte triste,  
Has me la vida quitado,  
Y a quien pienso que la diste  
Quiza que nada le has dado!  
Harto mal, peor se ordena,  
Mas que debato yo mas?  
Que tu misma, aun apena,  
Pienso que lo negarás.

Y estos ojos de mis juras  
Si se burlan, a la fé,  
No se fien en locuras,  
Caten que los quebraré.  
Esta culpa sea ajena,  
Que otras son mias asaz,  
Por razon va que en la pena  
Venza lo que pena mas.

## INÉS

Palavras cheias de ímpeto e paixão,  
Não quero mais dizer: cheias de engano,  
Que élas mesmas por si dizem que o são.  
Não faças, suspirando, longo o ano,  
Tem-te como árvore aos ventos em pé;  
Dá tempo, dá lugar ao desengano.

## GONÇALO

Não me dirás, madrinha Inês, até  
Quando esperar me mandas um ingrato,  
Que dizem que não ouve e que não vê?  
Esperei, e sofri, fiz mal-barato  
De mim. E quem mal cae diz que mal jaz.  
Exemplos velhos são; torno-me ao fato.

## INÉS

Quisera-te dizer: vae-te ora em paz,  
Porém com que esperança?! Mas quem vejo  
Lá vir, que em queixas todo se desfaz?

## GONÇALO

Este vos é Bieito, e bom varejo  
Dizem que houve êle ogano, ora anda á caça;  
Triste, de mim não sei! outrem correjo,  
Neste mundo d'escárneo tudo é graça;  
Não sabemos o quando, o como, o quanto,  
E ás vezes muito bem mal te ameaça.  
Oferte-se cada um, tia, a bom santo.

## BIEITO

Quem deu a Amor quebranto, e o fez cruel?  
Quem tornou tudo fel quanto aprazia?  
Que se fez d'este dia hoje tam claro?  
Como se compram caro névoas, ventos!  
Que incertos fundamentos de esperanças,  
Trocadas as mostranças de ora em ante!  
Manda-me Amor que cante a frauta branda,  
Passatempos em que anda á custa alheia!  
Adeus por sempre, aldeia, até que caia  
Debaixo d'esta faia ou d'este freixo,  
Por onde ora me queixo andando em vão!  
Então se acabarão tantas contendas.  
Vae-se a ágoa pelas fendas; feita é a conta.  
Um pouco mais, que monta de tal vida?  
Queixa da razão tida sem razão,  
Que as cousas todas dão de seu perigo  
Sinal, como de imigo, porque seja  
Aviso a quem o veja que não tarde.  
Vemos ao fogo que arde ir-lhe diante  
Fumo escuro que espante. Ante a tormenta  
Pelas deveras venta levemente.  
Ameaçando, a enchente vem soando,  
Vem, de brava, espumando; abate, estronca.  
O mar primeiro ronca, alça-se inchado;  
Logo a algum abrigado, junto á terra,  
O pescador aferra, com gram pressa.  
Pelo monte atravessa o mau faminto  
Do lobo, e, por instinto, o gado entende,

Ajuda-se, defende, e agasalha;  
Ordena-se em batalha, ao urso erguido,  
Vae diante o apelido; sae sem cor  
Da cabana o pastor, que todo treme;  
Do dano o medo opreme antes do dano.  
Ora este amor humano que assi apraz  
No começo, que em paz a alma repousa,  
Uma tam branda cousa, como impece  
Isto como acontece á natureza  
Que de certa se preza? Quem diria  
Onde, triste, trazia isto escondido?

INÊS

Transpôs em vento, é ido como tudo!  
Como soar fazia o rio bem!  
Parece que ficou todo este ar mudo!

GONÇALO

Vês ali o que faz. Mas eu com quem  
Estou, tia, falando?

INÊS

Inda lhe ouvi:  
«Saudades do meu mal, todo meu bem!»

GONÇALO

E tu não cuidarás que é aquilo assi,  
E, a nossas queixas, vans todas chamaes...  
Prouvera a Deus, madrinha, fôra assi!

INÊS

Tambem vós outros todos vos queixaes,  
Como já disse, muito, e por costume,  
E não razão nem causa que tenhaes.  
Cada um se chama facho ardente, ou lume,  
E frágoa onde se prova sua fineza,  
E d'estes taes: queixume após queixume.

Quisera nos amores mais simpleza,  
Quero dizer : quisera-os mais singelos,  
É mais dissimulada esta tristeza.

Não vos quisera assim tam amarelos,  
Nem tam achacadiços. Este geme,  
D'est'outro choram sempre os olhos belos;

Outro por Julho e por Agosto treme,  
Arde em Dezembro, foge á claridade;  
Suspeitoso, de si próprio se teme.

Mas empreendia ora eu boa vaidade!  
Deixemo-nos de estar mais nestas chaças.  
Cuido em fazer-te, mal, bem á vontade.

#### GONÇALO

Assim tenhas prazer, tia, que o faças  
No que puderes, sempre sem trespasso.  
A mim não olhes, nem que me desfaças!

#### INÊS

Um pouço nos vae sendo o tempo escasso.  
Por isso cumpre pôr peito á montanha;  
Não vês como o Sol foge? Estende o passo!

#### GONÇALO

Que estenda o passo eu! Como? Olha tamanha  
Passada que aqui dou, logo outra perto.  
Ora vejamos quem mais terra apanha!

#### INÊS

Eu suspeitei que andavam em concerto  
De certa romaria as mais louçans.  
Pode ser que seja erro, ou seja acerto.

Mas, posto que as passadas saiam vans,  
Não serão as primeiras, meu sobrinho,  
Nem dizem sempre as tardes co' as manhãs,

GONÇALO

Melhor fruto espero eu d'este caminho,  
Porque, ou mal vejo, ou vejo bom sinal.  
Tanta faixa de côr, tanto saíño !

INÊS

Olha que em tudo o sofrimento val'.  
A cabeça não corra mais que os pés,  
Seja a razão a guia principal.

GONÇALO

Ó minha tia, e boa amiga Inês,  
Tu me guia e governa, que eu não rejoy ;  
Não sei, tu sabes ; não vejo, tu vês.

INÊS

Pois olha, não te impeça o ser sobejo,  
Que se uma hora aproveita, muitas dana ;  
Benze-te do diabo, e do desejo.

Cada uma d'estas moças anda ufana,  
Cuida que o Sol lhe basta ; são gabadas,  
E não ha já quem cuide que se engana.

Não tenham aqui poder horas mingoadas,  
Que, se nos sentem, logo hão de dar cor  
Que eu sou a que ando nestas espreitadas.

GONÇALO

Se soubesses o frio e o pavor  
Que me tomou, madrinha, esforçar-me-ias  
Tanto, ao contrário de pôr-me temor !

INÊS

Em verdade que tens, moço, as mãos frias,  
E branca a boca, mais que esta toalha ;  
Possas sofrer o bem, se o mal podias.

## GONÇALO

O tamanho alvoroço a tudo atalha,  
Muito mais o prazer, que a paixão, toma  
Poder do coração nesta batalha.

## INÊS

Esforça, que Beatris o adufe toma,  
E começa a tanger com tanta graça,  
Que uma hora o som transpõe, outra hora assoma.  
Ora eu por fiador, a alguém prol faça,  
Se éla tam bem cantar como parece,  
E como sóe, que inda hoje nos faça  
Parecer esta tarde que amanhece.

## BEATRIS

*canta :*

## I

Dura necessidade, quando engrossa  
Como ágoa na ribeira,  
Quem não foge, podendo, vendo-a vir ?  
Quem ha, porém, que possa  
Cumpre de ter maneira  
Ou de pôr peito á agoa, ou de fugir.  
Forçado a mim me é ir  
Buscando pelos vãos contos passados  
De que cante, que hei medo ao mau ensino,  
Maior, que a cantar mal versos rimados.  
Em fim, direi de Amor, cego e menino,  
Por desastre malino,  
Como lhe aconteceu ;  
Mas se Amor foi vencido, Amor venceu.

## II

Em tempo antigo, longe, em terra estranha,  
Um rei e uma rainha  
Houveram filhas. A primeira veio  
De beleza tamanha



Que alguma igual não tinha,  
Sòmente a que depois foi a do meio.  
Mas logo sobreveio  
Inda outra, que a estas faz como ás estrelas  
Faz o Sol claro tanto que aparece.  
Falavam cavaleiros e donzelas,  
Como nas cousas raras acontece.  
A gente se lhe of'rece  
Como a Deusa imortal ;  
Té do bem o sobejo sempre é mal !

## III

Não sofreu tal ofensa Amor altivo  
Que fosse aos Deuses feita ;  
Seu arco toma, os tiros apurou,  
De chumbo e d'ouro vivo.  
Voando ao ar se deita,  
E num momento tudo atravessou.  
Mas enleado ficou  
Quando tal formosura ante si viu ;  
Fugiu-lhe o coração, a seta cae,  
E no pé que diante ia o feriu.  
Chora o menino, e grita pela mãe.  
Com tal conselho sae :  
Faz um bosque encantado ;  
Ali geme e suspira magoado.

## IV

Já d'antes d'isto, áquela grande fama  
Da formosa Princesa,  
A belíssima Venos, receosa,  
Os seus archeiros chama  
Em secreta defesa.  
As mostras são, porém, de estar ciosa,  
Quando pela amorosã  
E delicada praia rumor corre,  
Primeiro sem autor e sem certeza,  
Que o poderoso Amor de amores morre ;  
Mas logo se afirmou, já com clareza,

Co'a qual a mãe despreza  
Todo o respeito, e ceva  
De brando sono a moça, e lá lh'a leva.

## V

Cae a noite do Ceu, mas é dos lumes  
Vencida, e fica dia,  
Com que, acordando, viu ricas pinturas,  
Ardem ricos perfumes;  
Os cantares que ouvia  
Eram para abrandar as pedras duras.  
Poem-se á mesa, e figuras  
Correm, com vasos ricos, e sem conto,  
Mansamente ordenadas, sem peleja.  
Tudo se faz ali, prestes, n'um pronto,  
Que banquete quereis que o d'Amor seja.  
Não acha ali a inveja  
Que possa desdenhar,  
Nem o apetite mais que desejar.

## VI

Mas porque me vou eu ora detendo  
Em cousas que o sentido  
Deixam por um tam longo espaço atrás?  
Respeito ao Sol havendo,  
Direi de um só partido  
Que Amor logo tirou, mas duro assás.  
Disse: — «Não me verás.  
«Contente-te o que vêes.» Ah, sorte esquerda  
Cruel e cubiçoso pensamento!  
Representou-se ao Amor a grande perda  
Do parque, esvaecido num momento.  
Ha mister sofrimento  
O mal, e o bem  
Pouco estimado só de quem o tem.

## VII

Promete do porvir ousadamente.  
Fazem-se cumprimentos

Que depois se cumprirão muito mal.  
Deseja éla a sua gente  
Para assoalhar seus ventos,  
Quer-lhe mostrar andando o tal e o tal,  
Cousa que tanto val,  
C'os nossos coraçõezinhos pequenos!  
Ora indo assim crescendo estes desejos,  
A formosura cada vez é menos ;  
Quanto dos mimos mais, mais dos entejos.  
— «Em fim, diz, bens sobejos  
«Sem as minhas irmans,  
«Não sois riquezas, não, mas visões vans!» —

## VIII

Ouviu, estremeceu Amor, porém  
Houve de dar licença,  
Dizendo de vagar: — «Pois assim quer,  
«Razão é que também  
«Agora nisso vença  
«Quem sempre em tudo sóe de vencer.» —  
Veem-na as irmans a ver,  
E vendo hi tanto de que ter inveja,  
Confusas, dizem: — «Tristes, malfadadas,  
«C'o que se perde aqui, c'o que sobeja,  
«Fôramos todas bem-aventuradas.  
«Nadas, menos que nada,  
«Nossas ricas riquezas,  
«Como esta as chamará pobres pobrezas!» —

## IX

A moça amostra cá e amostra lá,  
Do que não vêem lhes conta.  
Toda de face andava, élas de envês.  
Não sofrem ver mais já,  
Não podem co'a afronta,  
Com tudo cedo irão dar a través.  
O Sol anda de pés,  
Os prazeres também co'ele desandam.  
Tambem as que fingiam suspiravam...

Quem sabe os corações alheios que andam  
Fazendo? Se quereis, inda choravam,  
Mas onde se entornavam  
Aqueles vasos de ágoa  
Parecia irmandade . . . Ela era mágoa!

## X

Não se podem ter mais. — «Ora em tal vida  
«Que gosto podes ter,  
— Disse uma— «triste irman nossa enganada?  
«Choramos-te perdida,  
«E, vindo-te assim ver,  
«Tornamos-te a chorar por mal achada.»  
A outra, mais ousada,  
Tomando a mão, lhe disse:-- «Quem seria  
«Que outra cousa cuidasse? Se êle tanto  
«Te amasse, se tal fosse, mostrar-se-ia.  
«Respondes: que não quer. D'isso me espanto!  
«Ora eu não no levanto,  
«Mas diz que neste lago  
«Se vê ás noites vir, voando, um Drago.»

## XI

Não disse mais. Os olhos, não sei mais,  
E os geitos, que disseram,  
Fazendo casos. A moça enfraquece.  
Vão suores mortaes.  
Todas em fim vieram,  
Que, quando ha tempo, o dilatar empece.  
Eis a barca aparece  
Em que se hão de ir. Deixam-lhe lume aceso;  
Ordenam-lhe o que faça antes que vão-se.  
Veja-se em todo caso o tam defeso  
E tam gabado esposo; então descanse.  
Outra vez as mãos dão-se,  
Soltam ao vento a vela;  
Fogem elas c'o barco, co'a praia ela.

## XII

Ora, já noite, chega Amor, cansado,  
Lança-se no seu leito ;  
A' boa fé, descansa e dorme quedo.  
Da infante o delicado,  
Singelo e brando peito  
Vence-se ora de amor, ora de medo.  
Descobre-se o segredo  
De Amor, cousa divina ! Olhos humanos  
Como ter se podiam ao resplendor ?  
Malina inveja, que causou taes danos,  
Deixa-o dormir. Ah ! durma sempre Amor !  
A simples, com temor,  
Os passos desconcerta ;  
Deu-lhe o fogo no peito, ele desperta !

## XIII

Quantos, e que suspiros dá de novo !  
Os gritos ameuda !  
O jardim deleitoso, num momento,  
— Quem o crerá ? — se muda.  
Que se fez de tam rico apartamento ?  
Cousas sem fundamento  
Sempre em nada se tornam ! Assi a deshora  
As más irmans, más fúrias infernaes,  
Como assanhadas bichas lança fora.  
A mesma paga sempre hajam as taes.  
A moça que errou mais,  
Com singeleza, jouve  
Chorando em terra um tempo. e perdão houve.

## XIV

Esta canção que eu fiz  
Cantando, minha em parte,  
Já algum acena, e diz :  
— « Não sei que eu d'isto ouvi já noutra parte ! » —  
Perdão de parte a parte.  
Vós, Musas, me ensinastes,  
Que do que outrora ouvistes nos cantastes.



## ÉCLOGA «BASTO»

**A Nun'Alvares Pereira**

### I

Pelas ribeiras de uns rios  
Por onde cantam as aves,  
Por entre bosques sombrios,  
Depois de contos mais graves,  
Ouvi d'estes mais baldios.  
E porque eu tambem me afasto  
Do povo, que me não reja,  
E trás si me leve a rasto,  
Vêde em que do tempo gasto  
O que me ás vezes sobeja.

### II

Em quanto um joga, outro caça,  
Outro dorme, outro trasfega,  
Outro murmura na praça,  
E c'o mal d'estes se rega,  
E c'o bem d'est'outro embaça.  
Um de si se preza tanto  
Que, só, cuida que enche as festas ;  
Outro suspira e faz pranto.  
Co'a natureza, entretanto,  
Falemos pelas florestas.

## III

Grande sinal de saude  
E' ter tudo á parte posto,  
Olho sómente á virtude,  
Ledo, ou triste, o mesmo rosto,  
Que não ha quem vo-lo mude.  
Por demais tudo aporfia  
C'um peito tam livre e são,  
Que tomou tam certa guia.  
D'aquí nasce a presunção...  
Cuidam que dá fidalguia!

## IV

A virtude é paga equal  
De si mesma, sem mais toca;  
Mas tratemos ora d'al:  
Sabe-se que vos não troca  
O bem, nem, menos, o mal.  
Quem sabe por onde vae  
Leva sua conta feita,  
Nunca do caminho sae,  
Não olha a quem diz: — «Tomae  
«Á esquerda ou á direita.»

## V

Ambos nos temos á banda  
De Gil, que ahi vos envio,  
Por onde a menos gente anda;  
Eu, porém, não aporfio,  
Que a cada um seu gosto manda.  
Mas não faltam contendores,  
Seja a razão a que vença.  
Estêm-se á parte os favores.  
Ouvi vós os meus pastores,  
Outrem parta a desavença.



**Pastores da Écloga***Bieito, Gil, Basto*

## BASTO

Como corre e como atura  
Quem vae após o seu gosto,  
Quer por frio, quer quentura,  
E no suor do seu rosto!  
Busca ás vezes má ventura.  
Sem guia e sem esconjuro,  
C'os medos se desafia;  
Só vae afouto e seguro  
De noite pelo escuro,  
Por montes ermos de dia.

Este apetite, que digo,  
Quem o desse á má maleita,  
Que traz mil artes consigo!  
Guar'-te d'êle, que te espreita  
Por dar d'avesso contigo.  
Rosto ao sim e rosto ao não,  
A fortuna é feita assi;  
Mal a conhece o vilão.  
Cuidas que a tens na mão,  
Está-se rindo de ti!

Onde quer o demo jaz,  
Para haver de embicar nele!  
Topei c'um lobo roaz,  
Fui-me c'os meus cães trás ele;  
Tive de fadiga assás.  
Eis que transpõe, eis que assoma;  
Desfazia-me correndo,  
*Toma aqui, cão; ali, toma!*  
Cego da porfia, em soma,  
Fui-me transpondo, e perdendo.

Isto, a quem não acontece?  
Seja, porém, na má hora!  
O tempo desaparece.  
Estão-se rindo os de fora;  
A nós não no-lo parece.  
A correr, e dar á choca,  
Este desafia mil;  
Vende aquele, compra e troca;  
Outro traz graças na boca,  
D'outro fala o arrabil.

Cuida que as namora todas,  
Um que se tem por formoso;  
Vae-se ás festas, vae-se ás bodas;  
Tenho-me eu c'o dadivoso  
Que unta o carro, andam as rodas.  
Grandes cousas, capa em colo,  
Conta (se élas assim, são)  
Que me dão volta ao miolo.  
Deve de me ter por tolo;  
Eu, a êle, porque não?

Como lontra, jaz no rio  
Um que o seu gado mal passa;  
Ele pesca, ora com fio,  
Com cana, ora com naça;  
Outro anda sempre em cio.  
Outro, resfriada a chama,  
Parte, e deixa a mulher nova  
Dando voltas pela cama.  
Ele, por neve e p'or lama,  
Corre c'os seus cães á prova.

Vae assim já ha muitos dias,  
Que não torna atrás ninguém.  
Bebemos das bem-querias  
Que cada um consigo tem,  
Damos d'essas razões frias.  
O bom Gil, sendo mais moço,  
Muita da terra correrá;

Vendo um, vendo outro alvoroço,  
Co'o seu fardel ao pescoço,  
A ser pastor se acolhera.

Ora ele assim pastor sendo,  
Se primeiro andara mal,  
Foi apalpando, foi vendo  
Entre nós, — que era outro tal.  
Tambem se foi delambendo  
Uma vez lama, outra pó;  
Sempre homem anda achacado.  
Deu inda mais outro vôo;  
Por melhor houve andar só  
Que, assim, mal acompanhado.

Era grande amigo seu  
Bieito, e vendo a mania,  
Consigo um dia lá deu.  
Tiveram grande porfia,  
Um razões deu, outro deu;  
Não ha quem se não defenda  
A pareceres alheios.  
Antes dez quedas que emenda!  
Contar-vos-ei da contenda  
Sem meter verbos nos meios

#### BIEITO

Que é isto, Gil, que assim triste  
Te nos fez este ano abril?  
Não sei que demo tu viste,  
Que já não pareces Gil!  
Dize onde te nos sumiste?  
U-lò aquele grande amigo,  
U-lo dos bofes lavados  
D'aqueles do tempo antigo,  
Que o segredo e o perigo  
Não nos trazia encubados?

Assim tam só te vieste ?  
Tomaste forte borrão ?  
Tantos amigos vendeste  
Por não sei que, nem que não,  
Que nem a mim só o disseste.  
Ora diz, se te apraz,  
Depois de tanto sol posto,  
Tal inchaço inda em ti jaz ?  
Arrenega o mal, que traz  
Sempre consigo mau rosto !

Tu olhas-me de través !  
Parece que a mal o tomas.  
Mas se tu, Gil, inda este és  
Não hei medo que me comas,  
Por mais mudado que estês.  
Que inda que certo hajas feito  
Uma tam forte mudança  
Que te tem como desfeito,  
D'este nome de Bieito  
Sequer has de ter lembrança.

Muitas vezes imagino,  
Gil amigo, em ti cuidando,  
Na brandura e bom ensino  
Que departias estando  
Duas horas c'um menino.  
Olha bem, olha o que fais !  
Tinhas tantos de bons modos  
C'os eguaes, e não eguaes,  
Quando estavas bem c'os mais ;  
Dás que em ti falar a todos !

Que se fez do teu cantar ?  
Ninguem não cantava assi !  
Mas para que é perguntar  
Se não que se fez de ti ?  
Onde te iremos buscar ?  
Não ha ora tanto espaço,  
Quando Genebra casou

Com Gregório, teu colaço,  
Quem teve rosto aos do paço,  
Quem tangeu, e quem cantou?

Morreu-te o gado meudo?  
Foi um andaço geral.  
Não se pode lograr tudo;  
Virá bem após o mal.  
Sofre, que sofre o sisudo;  
Arrenega dos assanhos;  
Já os devias ter provados.  
Não são os males tamanhos.  
Se este março não foi de anhos,  
Outros virão melhorados.

## GIL

Seja, amigo meu Bieito,  
Esta vinda em hora boa,  
Eu digo, amigo escolheito,  
Como quem o leite cõa,  
Que desça limpo ao seu peito.  
E, respondendo ao que dizes,  
Vês-me fardel e cajado;  
Bom sinal é que ás perdizes  
Não vou armando aboízes,  
Ando após este meu gado.

Espreito, andando, o que quer.  
Parece que folga mais  
Por agora de pascer  
Por estes andorriaes.  
Faça como lhe aprouver,  
Que por certo homem dirá  
Nas cousas que não são certas:  
Eis-nos cá, e eis-nos lá,  
Ás vezes no pior se dá,  
Ás vezes também acertas.

O mais, que pesa, ou que val' ?  
A nós, parece-nos muito,  
Diz Toríbio, e diz Pascoal:  
Palavras vans e sem fruto,  
Às vezes inda sem sal.  
Quando a víbora no ar morde,  
Por mais peçonha que traga,  
Não temas que inche ou que engorde;  
Não hajas medo que acorde  
Bradando pela triaga.

Vês tu cousa que estê queda ?  
Ora é noite, ora amanhece,  
Ora corre uma moeda,  
Ora outra; tudo envelhece,  
Tudo tem no cabo a queda.  
Nas vilas um baile dansam  
Em que todos ao som andam,  
Uns cá, outros lá se lançam;  
Como o tanger não alcançam,  
Mais pés nem braços não mandam.

Do sangue e leite empolado,  
O bezerrinho viçoso  
Corre e salta pelo prado;  
Depois, lavra, preguiçoso,  
Tira o seu carro, cansado.  
C'os dias e c'o trabalho  
O brincar d'antes lhe esquece,  
Não é já o que era almalho;  
Corte-se, leve-se ao talho  
O boi velho que enfraquece.

### BIEITO

No começo os erros teem,  
Bom remédio, ao deante  
Teem o mau; se não vás bem,  
Pior irás mais avante,  
Torna atrás que te convem.

Não o tenhas por amigo  
Quem te anda sempre á vontade,  
Dissimulando contigo;  
Lembre-te do dito antigo:  
Que enfada muito a verdade.

Mal vae quem sempre empiora,  
E que língua a dos pastores!  
Um olho ri, outro chora;  
Vem um, diz que são amores,  
Outro diz que é mal de fora.  
Um se torce, o outro diz:  
É mau jogo este das línguas,  
Ou tal fiz ou tal não fiz.  
A cada canto um juiz!  
Entre tanto á praça as mínguas!

## GIL

O moço que entra em terreiro,  
E não toca o chão de leve,  
Pelo ar vâ o pandeiro,  
A toda a festa se atreve,  
Ele só c'o seu parceiro.  
Este tal baile, este cante,  
Este seus jogos ordene,  
Corra, võe e passe avante;  
Este volteie, este espante,  
Este dê penas, e pene.

Mas quem já se vem das pontas,  
Não acha o que soía em si,  
Começa entrar noutras contas:  
Ouvi já melhor, e vi  
Suar e passar afrontas!  
Vês o tempo como foge,  
Corre o dia após o dia;  
Queres que homem não se anoje?  
Que me não conheci hoje  
Numa fonte em que bebia!

E por que tudo te conte  
De quanto me aconteceu,  
Quando me tal vi defronte,  
Dos olhos ágoa correu  
Mais que corria da fonte.  
Passou-se-me 'a sede em fim  
Que me aquella ágoa trouxera,  
E a tal desacordo vim  
Que quando tornei em mim  
Grande espaço o sol correrá.

### BIETO

Come de toda a vianda,  
Não andes nesses entejos,  
Não sejas tam vindo á banda,  
Tem-te ás voltas c'os desejos,  
Anda por onde o carro anda.  
Vês como os mundos são feitos?  
Somos muitos, tu só és;  
Poucos são os satisfeitos.  
Um esquerdo, entre os direitos,  
Parece que anda ao revés.

Dia de maio choveu.  
A quantos ágoa alcançou,  
A todos endoudeceu.  
Houve um só que se salvou,  
Assim então lh'o pareceu.  
Dera vista ás semeadas,  
Essas que tinha mais perto;  
Viu armar as trovoadas,  
Alongou mais as passadas,  
Foi-se acolhendo ao coberto.

Ao outro dia um lhe dava  
Piparotes no nariz,  
Vinha outro que o escornava;  
Hi tambem era o juiz  
Que de riso se finava,



Bradava êle : — «Homens, olhae!»  
Iam-lhe c'o dedo ao olho.  
Disse então : — «Pois assim vae,  
«Não creia logo em meu pae  
«Se me d'esta ágoa não molho!»

Apaixonado qual vinha  
Achou num charco que farte.  
O conselho havido o tinha,  
Molhou-se de toda a parte,  
Tomou-a como mèsinha.  
Como o viram, lá correram;  
Um que salta, outro que trota,  
Quantas graças que fizeram!  
Logo todos se entenderam,  
Ei-los vão numa chacota.

#### GIL

Tu sabes que me obrigara  
A esta vida de pastor.  
Vinha mui corrido á vara,  
Cuidei que era ela melhor,  
Como quem a não provara.  
Determinava-me já  
De andar com minhas ovelhas.  
A conta saiu-me má.  
Más fadas ha cá e lá,  
Como bem dizem as velhas!

Andei d'aquem para alem,  
Terras vi, e vi lugares,  
Tudo seus avessos tem;  
O que não exp'rimentares  
Não cuides que o sabes bem.  
E ás vezes quando cuidamos  
Que alguma cousa entendemos,  
A cabra-cega jogamos.  
Achei vos cá fortes amos,  
Querem que os adoremos.

Para as cousas que acontecem,  
Quando os buscas, ora o sono,  
Ora achaques mil te empecem.  
Ao tosquiar achas dono,  
Nas pressas não te conhecem.  
Tudo lhes o demo deu!  
Té razões más que nos dão!  
Quanto te hão mister, és seu,  
Quando os has mister, és teu,  
Que não tens amos então...

Essa vez que saem á rua  
Estremece toda a aldeia.  
Eles bebem, e homem sua;  
Doe-lhes pouco a dor alheia...  
Querem que nos doa a sua!  
Inda que o dano é em grosso,  
Poderão dissimular;  
Isto, parceiro, não posso;  
O entendimento, que é nosso,  
Não no-lo querem deixar.

Pelo qual, c'ò meu fardel,  
Fugí das vossas aldeias,  
Não trago nos beiços mel,  
Que não sou cresta-colmeias,  
Nem posso ser menestrel.  
A saudade não se estrece,  
Mas caiu-me um coração,  
Em sorte que muito empece,  
Que outro senhor não conhece  
Salvo justiça e razão.

Então queixo-me a ti logo,  
Que em casos que aconteceram  
Vi-me por êles no fogo,  
Bradei, e não me valeram  
Brados, queixumes nem rogo.

Assim me saí, meu quedo  
E quedo, e fará um dia  
O que outro não fez, e hei medo  
De vêr mór vingança cedo  
Do que já agora queria.

## BIEITO

Trouxeste-me ora á lembrança  
Aquele amigo foão  
Que, ao tempo d'essa mudança  
Tua, foi-te assim á mão,  
Como a quem os dados lança.  
E lembra-me ora bem tudo,  
(Que era eu hi no tal ensejo  
Inda que então me fiz mudo)  
Falou-te como sisudo,  
Parece-me ora que o vejo.

— «Seja, disse êle, em boa hora,  
Que eu tambem entre este gado,  
Fazendo contas cada hora,  
Cada hora me acho enganado  
D'esta esperança traidora.  
E dir-te-ei que me acontece,  
Quando neste vale estou,  
Qualquer outro que aparece  
Muito melhor me parece;  
Não é assim quando lá vou.» —

Assim disse aquele amigo.  
Agora digo eu : que hei medo,  
Quando debates contigo,  
Que te estê mostrando ao dedo  
Gomes, Gonçalo e Rodrigo.  
Não queiras ir muito ao fundo,  
Inda que ora tanto entendas;  
Nesta só razão me fundo :  
Não has de emendar o mundo  
Por mais razões que dispendas !

Perigosa é a deanteira !  
Deixa ir diante os mais velhos !  
Com a paixão tençoeira  
Nunca hajas os teus conselhos,  
Sempre foi má conselheira.  
Quem consigo traz rancor  
E em espreita anda do mal,  
Nunca lhe falece dor,  
Mas se o bem igual não for,  
Seja o coração igual.

## GIL

Se c'os teus olhos não vejo,  
Nem ouço c'os teus ouvidos,  
Todo o debate é sobejo ;  
Reges-te por teus sentidos,  
Tambem pelos meus me rejo.  
Comes túbaras da terra,  
Eu não nas posso comer ;  
Nem um nem outro não erra.  
Para que é sobre isto guerra ?  
Come o que te bem souber !

Não digo que cada um faça  
Quanto lhe á vontade vem,  
Que essa seria má graça,  
Mas entendo o saber bem  
Do que se vende na praça.  
Porque o tempo fez abalo,  
E somos em forte ensejo,  
Inda levanto outro valo,  
Que nos doentes não falo  
A quem mata o seu desejo.

Bem vejo que a verdade era  
Ir pelo fio da gente ;  
C'os muitos te respondera,  
E o amigo e o parente  
Que murmurar não tivera.

Porém assim, só, não minto,  
Não finjo, não lisongeio.  
Se sou farto, ou sou faminto,  
Que mau é? O meu instinto  
Antes seguir que o alheio.

Vou fugindo ás armadilhas  
Que vi com manha esconder ;  
Não quero ouvir maravilhas  
Ás vezes mui más de crer.  
Da má mãe nascem más filhas !  
Querem que homem ouça e creia ;  
Nanja eu ! creia o nosso Joane,  
Creia o baboso d'aldeia  
Que traz sempre a boca cheia  
Das filhas de Dom Beltrane.

Olha se a razão conclude :  
És doente, teu pae não !  
Digo outro tal da virtude :  
Pela ventura és tu são  
Porque teu pae tem saúde ?  
Não, que cumpre outra mèsinha.  
Olhe cada um por si ;  
O bem não é como tinha,  
Não se pega tam asinha...  
O mal póde ser que si !

Lê-me primeiro outra lenda :  
Deixaram-te os teus passados  
Do gado e vinhas de renda.  
Olha que andam misturados  
Os encargos co'a fazenda.  
Cumpre a cada um que arrive  
Por si se deseja a honra ;  
Não dizer : bons donos tive,  
Que quem como eles não vive  
Tanto mais sua deshonna.

## BIEITO

Pois contigo a razão val',  
Vejamos qual mais conjunta.  
Olha que todo animal,  
Fraco ou forte, aos seus se ajunta  
Por instinto natural.  
As pombas andam em bandas,  
Altos vão os grous em haz;  
Estas andorinhas brandas  
Não querem de nós viandas,  
Querem companhia e paz.

Toma exemplo no teu fato,  
Que o trazes junto em rebanho,  
Não rez e rez pelo mato;  
Té o carneiro tamanho,  
Se atrás fica, é lambeato.  
E inda hão mister mastins,  
Inda funda e cajado hão,  
Que a éstes lobos ruins  
Que descem d'outros confins  
Te ajudem sentar a mão.

Eu vi já sobre isto apostas.  
Conta-se do elefante,  
O que traz a torre ás costas,  
Que ha mister quem o levante  
Se dá consigo de costas.  
Se não fosse essa prestança  
Da fala e razão do homem,  
Por forças êle que alcança?  
Mister ha fazer liança,  
Se não maus bichos o comem.

E nesta aliança, tal  
Que te digo, inda não meto  
Salvante a do meu igual;  
Dos outros não me entremeto,  
Mas fique dito em geral.

Como no mundo apontamos,  
Tanto que em terra caímos,  
Do chorar nos ajudamos,  
Socorro e ajuda pedimos.  
Nós, sós, para que prestamos?

Fui-me um dia á vila, Gil,  
E logo, ao sair de casa,  
Mais verde que um perrexil,  
Cuidei que matava a brasa  
De galante e de gentil.  
Bem passei c'os viandantes,  
Mas depois quando, lá, cheias  
Vi ruas d'outros galantes,  
Se eu viera ufano d'antes,  
Não tornei tal ás aldeias.

Dizia um, vendo-me, assi:  
— «Bom vae o do barretinho,  
« Nunca o tam figadal vi!»  
Chamavam-me outros: ratinho,  
Uns assim, outros assi.  
Finalmente, por acerto,  
Vi alguns nossos de cá;  
Deixei-os chegar mais perto,  
Meti-me entre eles. Por certo  
Que tarde me colhem lá.

Um bacorote orgulhoso  
Deu vista ao gado ovelhum,  
De quexiquer espantoso  
Trombejava êle *hum e hum*,  
Andava todo bravoso.  
Vem um dia o lobo, e apanha  
Pela cabeça o doudete.  
Abrandou-lhe aquela sanha.  
Brada: ai dos meus! Em tamanha  
Pressa ninguem arremete.

Vinham os porcos da aldeia  
Mais atrás, grunhir ouviram;  
Um espuma, outro esbraveia.  
Estes sim que lhe acudiram.  
Perdeu o lobo a sua ceia.  
Ele, solto, viu que o gado  
De lan branca estava olhando  
De longe, inda amedrontado.  
— « Antes, disse, ser mandado,  
« Que em tal perigo tal mando ! »

## GIL

Falas-me nos animaes  
A que nós brutos chamâmos,  
Que guardam leis naturaes ;  
Nós outros não nas guardamos,  
A isso obrigados mais.  
Estes homens com quem tratam,  
(Homens não, mas leões bravos,)  
Por força tudo rematam ;  
Os leões não se resgatam,  
Nem se vendem por escravos.

Para que mandem nem rejam  
Não vão as ágoas tingidas  
De seu sangue, se pelejam;  
Não alçam forcas erguidas  
Onde ás aves manjar sejam.  
Não teem repartida a terra  
Por marcos tam deseguaes,  
Por sangue, por fogo, e guerra,  
Com que um tem de serra a serra,  
Outro nada . . . ou dous tojaes.

É cousa para espantar  
Da lei que entre si teem gralhas.  
Que vendo a uma queixar  
Descem correndo em batalhas;  
Matam-se pela salvar.



Ora te direi assi,  
Quem diz o que viu não mente :  
Guar'te de embicar aqui,  
Que verás passar por ti  
O amigo e o parente.

Quem nunca ouviu um rifão  
Mais corrente e mais usado  
Que é «darem todos de mão,  
Quantos veem e quantos vão  
Ao carro que está entornado»?  
Falo, porém, em geral,  
Que alma, dizendo isto, afronta.  
Não quero que cuides al;  
Amigos do meu sinal  
Não vão êles nesta conta.

Muitos dos vãos apalpei,  
Aos trabalhos me dispus;  
Dês que cuidei e cuidei,  
Disse comigo: ora sus!  
Se erros fiz, erros paguei.  
Cuida homem que bem escolhe  
As singelas só consigo;  
Eu não sei porque se tolhe  
O fugir a quem se acolhe  
D'onde vem certo o perigo.

Andando só não me empecem  
Maus olhos nem más palavras;  
Não me empecem se engafecem  
Por outros fatos as cabras;  
Curo-as quando me adoecem.  
Porque tudo diga em soma,  
Não hei medo que o cabrito  
Me furte o visinho, e coma.  
Aqui se paixão me toma  
Posso bradar voz em grito.

Que me não ouça ninguém,  
Somente as aves, que taes  
Duas vantagens teem  
D'esses outros animaes:  
Voar e cantar tambem.  
Ou o som da ágoa que cae,  
Rompendo pelos penedos,  
Desce ao fundo, ao alto sae ;  
Ela a grande pressa vae,  
Eles para sempre quedos.

Vês tu a minha cabana ?  
Se o tempo se muda, assi  
A mudo eu. Guiomar nem Ana  
Não dão voltas por aqui  
Mais leves que ao vento cana,  
Cantando dos seus solaus,  
Que me façam merecer  
Muitos d'estes varapaus,  
Com seus olhos vaganaus,  
Bons de dar, bons de tolher.

Deixa-me ver este ceu,  
E o sol em que vae tal lume,  
Que a vista nunca sofreu.  
Aquilo é uso e costume,  
Que tantos tempos correu !  
Que claridade tamanha.  
Que fogo nele aparece !  
Quanto raio o acompanha !  
Dizem que o mar de Espanha  
Ferve quando nele desce.

Cobre-se logo de estrelas  
Tudo quanto d'ele vemos,  
Nascem d'elas, põem-se d'elas.  
Olhamos, mas que entendemos ?  
Nem da Lua, que está entre elas,  
Que se renova e reveza,

Ora em fio, ora em crescente,  
Ora em sua redondeza;  
Cada mês com que certeza!  
Semelha a da nossa gente.

Do mais, dizia Pascoal :  
— « Sabes que é o que nos come ?  
« São mimos, que não é al !  
« Onde quer se mata a fome;  
« Matam-se apetites mal. »  
Pelo sol e pela neve,  
Natureza, a grande madre,  
Que em fim também no-lo deve,  
A tudo acudir se atreve,  
Por mais que este ventre ladre.

Do que ao meu gado sobeja,  
Vou vivendo ano por ano.  
Pouco ou muito que ele seja  
A ninguém não faço dano,  
Que não se ha do pouco inveja.  
Parece a vida em verdade  
Dos mastins, gado e pastor,  
Como de comunidade;  
Com tal fome e frialdade,  
Tudo pode e manda Amor.

Levo o meu gado, ele sigo,  
Que inda são mais embaraços  
Dos que eu quisera comigo.  
Passei por tantos dos laços  
Que olhar somente é perigo.  
No meu çamarrão metido,  
Que mais quero ? Sou pastor.  
Cá nunca chega apelido  
De fogo nem de arruído,  
Mal se for, mal se não for.

Aqui por estes abrigos  
(Os mais debates deixemos)  
Vir-me-ão ver os meus amigos,  
Ao sol nos estenderemos,  
Falando em tempos antigos.  
E depois dos meses mil  
Quiçaes inda dirá alguém  
Olhando este meu covil :  
« Por aqui cantava Gil  
« Sem queixia de ninguém. »

Quando tudo era falante  
Pascia o cervo um bom prado  
Hi veio um cavallo andante,  
Quis comer algum bocado ;  
Pôs-se-lhe o cervo deante.  
Outra razão não lhe deu  
(Que eram pascigos geraes)  
Salvo *posso e quero, é meu.*  
Este *meu*, e este *teu*  
Tanto ha já que nos fez taes !

Vendo tam pouca prestança  
O' cavallo, d'antes forro,  
Com desejo de vingança,  
Pedindo ao homem socorro,  
Por terra, a seus pés se lança.  
Não pode á justa querela  
Deixar de se pôr no meio,  
Mas foi necessária a sela ;  
Pôs-lh'a, e fez-se forte nela,  
Toma a rédea, prova o freio.

Assim dão volta ao imigo!  
O cervo, quando tal viu,  
Homem ao cavallo amigo,  
Deixou-lhe o campo, e fugiu.  
Foi buscar outro pascigo.

O cavalo vencedor  
Corre o verde, e corre o seco :  
Fora, fora o contendor !  
Ficou-lhe, porém, senhor,  
Não foi tanto o outro enxeco.

Quem ha tal medo á pobreza,  
Tal á fome e frialdade,  
Que por ouro, e por riqueza,  
Dá a só rica liberdade,  
E mais outrem que assim preza ?  
Se lhe vês herdades largas,  
Não lhe hajas inveja á troca ;  
Embaraçam roupas largas !  
Faz sangue o freio na boca,  
As esporas nas ilhargas !

Mas já vês como o sol anda.  
Amigo, é tarde, folga ora,  
Deixemos esta demanda  
Mal-avinda para outra hora.  
A ceia será mais branda.  
Com dous peixinhos passarás  
Do rio, não de almocreves,  
Que as vilas fazem tam caras ;  
Beberás nas fontes claras,  
Sonharás sonhos mais leves.

#### BIEITO

Volves-me as cousas do invés,  
Qués por força que te creia  
O que tu quiçaes não crês.  
O coração é na aldeia,  
Lá me hão de levar os pés.  
E tu dize o que quiseres,  
Torce cá, e torce lá,  
Defende teus pareceres . . .  
Mas onde hi não ha mulheres  
Vida nem gosto não ha.

Aqueia graciosidade,  
O parecer, que nos furta  
Com tanta força a vontade,  
Que tanto o juizo encurta,  
Não é de todo vaidade.  
Suspiraste ! Ora eu te entendo.  
Nós nos veremos depois,  
Por ora a Deus te encomendo.

GIL

Não te quero estar detendo.

BIEITO

Vou-me, que é tarde, aos meus bois.

BASTO

Contou-se isto pela terra  
Em juntas d'outros pastores.  
Eis logo um, logo outro aferra  
Sobre quaes razões melhores  
Deu, quem acerta ou quem erra.  
Porém, lido o Calendário,  
Visto tudo, e contas feitas,  
Fica assentado em sumário:  
Gil por homem voluntário,  
Homem Bieito ás direitas.

## CARTA 1.<sup>a</sup>

### A El-rei D. João III

Rei de muitos reis, se um dia,  
Se uma hora só mal me atrevo  
Ocupar-vos, mal faria,  
E ao bem comum não teria  
Os respeitos que ter devo.

Que em outras partes da esfera,  
Em outros ceus diferentes,  
Que Deus té 'gora escondera,  
Tanta multidão de gentes  
Vossos mandados espera.

Que sois vós tal que eles sós,  
Justo e poderoso rei,  
Desdão ou lhe cortam nós,  
Como também entre nós  
Vós sois nossa viva lei.

Onde ha homens ha cobiça,  
Cá e lá tudo ela empeça,  
Se a santa, se a igual justiça,  
Não corta ou não desempeça  
Quanto a malícia enliça. . .

Senhor, que é muito atrevida,  
E onde ela nós cegos deu  
Cortar é cousa devida.  
Exemplo: o jugo de Mida  
Que el-Rei, vosso avô, fez seu.

Ora eu que, respeito havendo  
Ao tempo mais que ao estilo,  
Irei fugindo ao que entendo;  
Farei como os cães do Nilo,  
Que correm e vão bebendo.

A dignidade real  
Que o mundo a direito tem  
— Sem ela ter-se-ia mal —  
É sagrada, e não leal  
Quem limpo ante ela não vem.

Não falemos nos tiranos,  
Falemos nos reis ungidos.  
Remedeiam nossos danos,  
Socorrem os afligidos,  
Cortam pelos maus enganados.

As vossas velas, que vão  
Dando quase ao mundo volta,  
Raramente contarão  
Gente d'outro algum rei solta;  
Sem cabeça o corpo é vão.

Dignidade alta e suprema,  
Quem ha que a não reconheça?  
Viu-se em Marco António tema  
De pôr real diadema  
A Cesar sobre a cabeça.



Que o nome de imperador  
D'antes a Cesar se dera,  
Sem suspeita e sem temor,  
Que inda então muito mais era  
Ser consul, ser ditador.

Um rei ao reino convem.  
Vemos que alumia o mundo  
Um sol, um deus o sustem.  
Certa a queda e o fim tem  
O reino onde ha rei segundo.

Não ao sabor das ovelhas  
Arenga estudada e branda;  
Abastam as razões velhas.  
A cabeça os membros manda,  
Seu rei seguem as abelhas.

A tempo o bom rei perdoa,  
A tempo o ferro é mèsinha.  
Forças e condição boa  
Deram ao leão coroa  
Da sua grei montesinha.

Às aves, tamanho bando,  
D'outra liga e d'outra lei,  
Por vencer todas voando,  
A águia foi dada por rei,  
Que o sol claro atura, olhando.

Quanto que sempre guardou  
David lealdade e fé  
A Saul, quanto o chorou,  
Quanta maldição lançou  
Aos montes de Gelboé,

Onde caíra o escudo  
Do seu rei, inda que imigo,  
Inda que já mal sisudo,  
Saindo de tal perigo,  
E subindo a mandar tudo !

O senhor da Natureza,  
De quem ceu e terra é cheia,  
Vindo a esta nossa baixeza,  
Do real sangue se preza :  
Por rei na cruz se nomeia !

Sobre obrigações tamanhas,  
Velem-se com tudo os reis  
Dos rostos falsos, das manhas  
Com que lhe querem das leis  
Fazer teias das aranhas !

Que se não pode fazer,  
Por arte, por força ou graça,  
Salvo o que a justiça quer ;  
Senhor, não chamam valer  
Salvo ao que lhes val' na praça.

E, por muito que os reis olhem,  
Vão por fora mil inchaços  
Que ante vós, senhor, se encolhem,  
D'uns gigantes de cem braços  
Com que dão e com que tolfem.

Quem graça ante el-rei alcança,  
E hi fala o que não deve,  
— Mal grande da má privança ! —  
Peçonha na fonte lança ?  
De que toda a terra beve.

Quem joga onde engano vae,  
Em vão corre, e torna atrás,  
Em vão sobre a face cae.  
Mal hajam as manhas más  
D'onde tanto dano sae !

Homem d'um só parecer,  
D'um só rosto, uma só fé,  
D'antes quebrar que torcer,  
Ele tudo póde ser,  
Mas de côrte homem não é.

Gracejar ouço de cá  
De quem vae inteiro e são  
Nem se contrafaz mais lá :  
— « Como este vem aldeão ! » —  
— « Que cortesão tornará ! » —

As santidades da praça,  
Aqueles rostos tristonhos,  
C'os quaes este e aquele caça,  
Para Deus, senhor, é graça,  
Para nós tudo são sonhos.

E os discursos que fazemos !  
« Pode ser, não pode ser »  
Mais deante o entenderemos.  
Agora mortos por ver,  
Então todos nós veremos.

Senhor, hei-vos de falar  
(Vossa mansidão me esforça)  
Claro o que posso alcançar :  
Andam para vos tomar,  
Por manhas, que não por força.

Por minas trazem suas hazes,  
Os rostos de tintureiros,  
Falsas guerras, falsas pazes ;  
De fóra, mansos cordeiros,  
Por dentro, lobos roazes !

Tudo seu remédio tem,  
E que é assim bem o sabeis,  
E ao remédio também.  
Querei-los conhecer bem ?  
No fruto os conhecereis.

Obras, que palavras não.  
Porém, senhor, somos muitos,  
E entre tanta multidão  
Tresmalham-se-vos os frutos,  
Que não sabeis cujos são.

Um que por outro se vende  
Lança a pedra, e a mão esconde.  
O dano ao longe se estende,  
Aquele a quem doe, e entende,  
Com só suspiros responde.

A vida desaparece,  
E entre tanto geme e jaz  
O que caíu, e acontece  
Que d'um mal que se lhe faz  
Outro mór se lhe recrece.

Pena e galardão igual,  
O mundo a direito tem.  
Ha uma regra geral:  
Que a pena se deve ao mal,  
E o galardão ao bem.

Se alguma hora aconteceu  
Na paz, muito mais na guerra,  
Que a balança mais pendeu,  
Fez-se engano ás leis da terra.  
Nunca se faz ás do Ceu.

Entre os Lombardos havia  
Lei escrita e lei usada,  
Como se sabe hoje em dia ;  
Que onde a prova falecia  
Que o provas se a espada.

Ali no campo, ás singelas,  
Em fim morrer ou vencer !  
Fosse qual quisesse d'elas,  
Não era melhor morrer  
A ferro, que de cautelas ?

Ao nosso alto e excedente  
Dom Dinis, rei tam louvado,  
Tam justo, a Deus tam temente,  
Falsa e maliciosamente  
Foi grande aleive assacado.

Ele, posto em tal perigo,  
Rei que reis fez e desfez,  
Contra o malicioso imigo  
Foi-lhe forçado essa vez  
Chamar-se a esta lei que digo,

E juntamente ás cidades,  
A quem cumpriu de acudir  
Pelas suas lealdades,  
Que tam más são as verdades  
A's vezes de descobrir.

Neste tempo quem mal cae  
Mal jaz, e dizem que á luz  
Por tempo a verdade sae.  
Entretanto põem na cruz  
O justo, o ladrão se vae.

Da mesma casa real,  
Em verdade um grande infante,  
Tratado ás escuras mal,  
Bradava por campo igual  
E imigos claros deante.

Em fim, vendo a astúcia e arte  
Quanto que podem, chamou  
Um leal conde de parte,  
Só com êle se apartou,  
Foi viver a melhor parte,

Onde tudo é certo e claro,  
Onde são sempre umas leis.  
Príncipe no mundo raro,  
Sobre tanto desamparo,  
Foram três seus filhos reis.

Ó senhor, quantos suores  
Passa o corpo e alma em vão  
Em poder de envolvedores !  
Em fim, batalhas que são  
Salvo desafios móres ?

Com a mão sobre um ouvido  
Ouvia Alexandre as partes,  
Como quem tinha entendido.  
Por fazer certo o fingido,  
Quantas que se buscavam d'artes ?

Guardava ele o outro inteiro  
À parte não inda ouvida.  
Não vae nada em ser primeiro ;  
Quem muito sabe, duvida.  
Só Deus é o verdadeiro !

A tudo dão novas cores  
Com que enleiam os sentidos ;  
Ha maus, ha enliçadores.  
Ante os reis, vossos senhores,  
Andaes com rostos fingidos.

Contaes, gabaes, estendeis  
Serviços e lealdades . . .  
Olhae que não os daneis ;  
Falae em tudo verdadeŝ  
A quem em tudo as deveis !

Senhor, nosso pae Adão  
Pecou. Chamou-o o juiz.  
Tenha que dizer ou não  
Hi sua fraca razão,  
Porém livremente diz.

Sempre foi, sempre ha de ser,  
Que onde uma só parte fala  
Que a outra haja de gemer.  
Se um jogo a todos eguala,  
As leis que devem fazer ?

Vidas e honras guardaes  
Debaixo de vosso amparo,  
De estranhos e naturaes.  
Suspiram, não pódem mais,  
E ás vezes não muito claro.

Tambem, após aquela, arde  
A cubiça da fazenda,  
Por mais que se vele e guarde.  
Tinha ela melhor emenda  
Se não fosse mal, e tarde.

Geralmente é presunçosa  
Espanha, e d'isso se preza.  
Gente ousada e belicosa,  
Culpam-na de cubiçosa ;  
Tudo sabe vossa alteza . . .

Pensamentos nunca cheios,  
Não teem fundo aqueles sacos.  
Inda mal, porque teem meios  
Para viver dos mais fracos  
E dos suores alheios !

Que eu vejo nos povoados  
Muitos dos salteadores,  
Com nome e rosto de honrados,  
Andar quentes e forrados  
Das peles dos lavradores.

E, senhor, não me creaes  
Se as não acham mais finas  
Que as dos lobos cervaes,  
Que arminhos, que zibelinas.  
Custam menos ! cobrem mais !

Ah ! senhor, que vos direi  
Que acode mais vento ás vélas ?  
Nunca se descuide o rei,  
Que inda não é feita a lei  
Já lhe são feitas cautelas.



Então, tristes das mulheres,  
Tristes dos orfãos coitados,  
E a pobreza dos mesteres!  
Que nem falar são ousados  
Deante os móres poderes.

Os quaes quem os assim quer,  
Quem os negoceia assi,  
Que fará quando os tiver?  
Nossos houveram de ser,  
Buscaram-nos para si.

Ora já que as consciências  
O tempo as levou consigo,  
Venhamos ás penitências;  
Senhor, se eu vira castigo,  
Boas são as residências.

Mas eu vejo cá na aldeia,  
Nos enterros abastados,  
Muito padre que passeia,  
Em fim, ventre e bolsa cheia,  
Absoltos de seus pecados.

Se se hão de reconciliar,  
Uns c'os outros teem seu trato,  
Basta-lhes só acenar;  
Não nos fazem tam barato  
Ao tempo do confessar.

Senhor, esta vossa vara,  
Em quaes mãos anda tal é.  
A boa é ave mui rara;  
Sabei que esta nunca é cara,  
Que seja muita a mercê.

Livre de toda a cubiça,  
A Deus temente e a vós,  
Sem respeito, e sem preguiça,  
Vara direita sem nós,  
Se quereis que haja hi justiça.

Tomae, senhor, o conselho  
Do bom Jetro ao genro amigo :  
E' verdade, é evangelho !  
Como disse aquele velho,  
Humilmente assim vos digo.

Que estas leis justininas,  
Se não ha quem as bem reja  
Fora das paixões humanas,  
São um campo de peleja  
Com razões fracas e ufanas.

Morre o nobre Conradino  
C'o parceiro em tudo igual,  
Cada um de tal morte indino,  
Pelo pesado ou malino  
Doutor que interpreta mal.

Diz o texto : «o sangue cesse  
«Por batalha a guerra finda».  
Vêem com glosa outro interesse !  
Diz : «que ande o cutelo, ainda  
«Que em prisão certo o tivesse».

Mas senhor melhor o temos ;  
Sendo vós o que mandaes,  
Todos nos resolveremos,  
Os que tanto não podemos,  
E aqueles que podem mais.

Quem por Amor se encadeia  
Não é nome errado ou novo  
Se por livre se nomeia.  
Não tem rei amor de povo  
Tanto, em quanto o mar rodeia.

Aqui não vemos soldados.  
Aqui não sôa o tambor ;  
Outros reis os seus estados  
Guardam de armas rôdeados . . .  
Vós — rodeado de Amor.

Achar-nos ão as divinas  
No meio dos coraçõs  
Entulhadas vossas quinas ;  
Estas são as guarniçõs  
De vós e dos vossos dinas.

Tem na verdade o francês  
A seu rei amor aceso,  
(Não lh'o nega o português)  
Porém traz guarda escocês  
Que não é de pouco peso.

O Santo Padre assim faz,  
A quem certo se devia  
Alto sossego, alta paz ;  
Mas tem guardas todavia  
Com que vae seguro, e jaz.

Que se pode ir mais avante  
Com quanto alcança o sentido  
Sem ferro ou fogo que espante.  
Com duas canas deante,  
Is amado e is temido.

Uns sobre os outros corremos  
A morrer por vós com gosto.  
Grandes testemunhas temos  
Com que mãos e com que rosto  
Por Deus e por vós morremos!

Outrossim para os revezes  
(Queira Deus que não releve!)  
Em vós teem os portugueses  
O bom rei de ateniêses  
Codro, que outro alguém não teve

Do vosso nome, um gram rei  
Neste reino lusitano  
Se pôs essa mesma lei,  
Que dis o seu pelicano:  
«Pela lei e pela grei».

Mas eu sou de uns guarda-cabras  
Que se vão de ponto em ponto.  
Querem só duas palavras...  
Que dos gados, que das lavras,  
Depois não teem fim, nem conto.

Assim, que seja aqui fim.  
Tornem as práticas vivas.  
Perdestes meia hora em mim,  
Das que chamam sossessivas  
Estes que sabem latim!

## CARTA II

**A Antonio Pereira  
Senhor de Basto**

Como eu vi correr pardaus  
Por Cabeceiras de Basto,  
Crescer em cercas e em gasto,  
Vi por caminhos tam maus  
Tal trilha e tamanho rasto.

Nessa hora os olhos ergui  
À casa antiga e á torre,  
Dizendo comigo assi:  
Se nos Deus não val' aqui,  
Perigoso imigo corre!

Não me temo de Castela  
D'onde guerra inda não soa,  
Mas temo-me de Lisboa,  
Que ao cheiro d'esta canela  
O reino nos despovoa.

E que algum embique ou caia  
(Longe vá o mau agouro!)  
Falando por essa praia  
Das riquezas de Cambaia,  
Narsinga das serras d'ouro!

Ouves, Viriato, o estrago  
Que cá vae nos teus costumes?  
Os leitos, mesas e os lumes,  
Tudo cheira; eu óleos trago,  
Veem outros, trazem perfumes!

Nisto os trajos dos pastores  
Com que saíste á peleja,  
Vencendo taes vencedores,  
São trocados! e aos louvores  
Não ha já quem te haja inveja!

É entrada pelos portos  
No reino clara peçonha,  
Sem que remédio se ponha;  
Uns doentes, outros mortos,  
Outro pelas ruas sonha.

Fez no começo a pobreza  
Vencer os ventos e o mar,  
Vencer quase a natureza.  
Medo hei de novo á riqueza,  
Que nos torne a cativar!

Estas serras e os penedos  
Vistas se vos fazem feias!  
Já torceis rosto ás aldeias;  
Direis dos vinhos azedos  
O que já disse Cineias!

A quem, nos convites, dado  
A provar, se lhe aprouvesse,  
Depois, nos olmos môstrado:  
« Nunca vi (disse) enforcado  
« Que a forza assim merecesse! »

Às vozeiras montarias  
Derribar aves que vão  
Cantando inverno e verão,  
Que al é se não remir dias  
Do enfadamento aldeão ?

« Que trabalhosos concertos  
« Os de vilãos mal creados,  
« Os de vilãos mal cobertos,  
« Os de vilãos pouco certos,  
« Muito desarrazoados ! »

Direis, e não vo-lo nego ;  
Porém, quereis que vos diga ?  
Este mundo é armado em briga ;  
Não busqueis nele sossego,  
Nem numa alta ermida antiga !

Mas, com tudo, ha diferenças  
Entre os de cá e os de lá :  
Cá, nas mais das desavenças,  
Vós éreis o das sentenças . . .  
Lá em baixo outrem as dá.

Tereis em troca manjares,  
Composições delicadas  
Do ar do paço ajudadas,  
E por tempestuosos mares  
Com mil perigos buscadas.

Convites de quem convida  
Amostram-vos hi suas tendas.  
Quanta cousa é ali perdida !  
Ceias imigas da vida,  
Imigas mais das fazendas !

De isto o cheiro, de isto a cor,  
Que preço não tem igual!  
Milagres de Portugal,  
Cousas de tanto sabor,  
Todas a saberem mal!

Onde se ha de lançar tanto?  
Aquilo é pagar o pato!  
Em fim, quando me levanto,  
Ou hei de morrer de espanto  
Ou, se não me espanto, mato!

Que cousas vão tam erradas!  
Enfastia o que sobeja!  
Quem come o que não deseja?  
Soíam ser convidadas  
Vontades, agora é inveja!

Entra convosco a manhan,  
É já dia, e pedis velas!  
Na tal ceia cortesan  
Quanta iguaria que ha van  
Afóra a das escudelas!

Os bons convites antigos,  
Antes de se tudo alçar,  
Eram para conversar  
Os parentes e os amigos,  
Que não para arrebentar!

E de viver juntamente  
Houveram convites nome,  
Claros aos olhos da gente,  
Porque vissem que sômente  
Ali se matava a fome.



Aquela ufana rainha,  
Irman do vil Ptolomeu,  
Que o rico pendente deu,  
Pródigamente, á cozinha  
De um grande banquete seu,

Vendo tudo ir-se a perder,  
Os amigos convidava,  
Não já para os ver comer ;  
Mas para juntos morrer,  
A tal convite os chamava !

A vossa fonte tam fria  
Da Barroca em júlho e agosto,  
Inda me é presente o gosto !  
Quam bem que nos hi sabia  
Quanto na mesa era posto !

Ali não mordida a graça,  
Eram eguaes os juizes,  
Não vinha nada da praça.  
Ali, da vossa cachaça !  
Ali, das vossas perdizes !

Ali das frutas da terra,  
Que tem cada tempo a sua,  
Colhida em sazão cada ûa !  
Nunca á vista o sabor erra,  
Nem o nome de nenhûa !

Ó ceias do paraíso,  
Que nunca o tempo vos vença !  
Sem fala trocada, ou riso,  
Nem carregadas de siso,  
Nem danadas da licença !

Des hi, o gosto chamando  
A outros môres sabores,  
Liamos pelos amores  
Do bravo e furioso Orlando,  
Envoltos em tantas flores.

Liamos os Assolanos.  
De Bembo, engenho tam raro  
Nestes derradeiros anos,  
E os pastores italianos  
Do bom velho Sanazaro.

Liamos ao brando Lasso  
Com seu amigo Boscão,  
Que honraram sua nação.  
Ia-me, meu passo a passo,  
Aos nossos que aqui não vão.

Se eu isto estimado agora  
Vira, como d'antes era,  
Por meu conto avante fora,  
Mas não diz ora com ora,  
Vão-se co: no ao fogo cera!

Que troca! Ver lá Pasquinos  
D'esta terra cento a cento!  
Quem os vê sem sentimento  
Tratar os livros divinos  
Com tal desacatamento?!

O que se não deve ousar  
A ler, se em joelhos não,  
(Que graças para chorar!)  
Torcem, fazendo falar  
Ao som de sua paixão.

Esquecidos do conselho:  
(Pudera dizer mandado,  
Sendo-o, porque foi vedado  
No santissimo Evangelho)  
«Aos cães não deis o Sagrado!»

Almas que sonhando andaes,  
O muito não o troqueis  
Por nada, como o trocaes;  
As pérolas orientaes  
Aos porcos não as lanceis!

Jogareis? Ó gente cega,  
Sempre o jogo foi defeso,  
Que tem todo o dia preso  
O triste que nele emprega  
O seu tempo todo em peso.

E, desde o grou té á folosa,  
Homens de seiscentas cores,  
Só no jogo não tem glosa  
Conversação perigosa,  
Missa de arrenegadores;

Mal sem emenda é o jogo  
Entre seus males maiores!  
Um rei de grandes louvores  
Mandou que pusessem fogo  
À casa e aos jogadores.

Das leis antigas imigo,  
Desprezador das modernas,  
Continuador do perigo,  
Penas sempre aqui consigo,  
Vae caminho das eternas!

Deixemos mil outros jogos,  
Que lá vão, mil outros tratos,  
Fazer, desfazer contratos,  
Salamandras nos seus fogos  
De Herodes para Pilatos,

E aquele grande alvoroço  
Do tambor, que á guerra chama,  
Leva o velho e leva o moço ;  
E primeiro entra em destroço  
Que perca de vista Alfama.

Ó vida dos lavradores !  
Se eles conhecessem bem  
As vantagens que teem  
Aqueles santos suores  
Que santamente os manteem,

Tratando co' a madre antiga  
Que de quanto em si recebe  
(Não entre engano ou má liga)  
Por seu costume se obriga  
A pagar mais do que deve !

Aqueles maiores nossos,  
Antigos padres primeiros,  
Eram no começo inteiros,  
Eram santamente grossos,  
Sem mal como os seus cordeiros.

Regidos da natureza,  
Não tendo papel escrito  
De que um reza e outro reza,  
Té cansarem, sem certeza  
D'onde jaz sómente o fito.

Foi sem malícia e sem erro  
A boa idade dourada!  
Seguiu logo a prateada;  
Não tardou muito a do ferro,  
Que tudo trouxe á espada.

Quanta sombra que aparece!  
Tapae-me a boca co'as mãos  
Ora atrás, que não me esquece!  
Tambem por cá se adocece,  
Vão porém ares mais são.

Por isso a gentilidade,  
Que em tudo filosofava,  
Ao deus da saúde alçava  
Templo fora da cidade,  
Hi por ela se ofertava.

E aquele Vírbio, a quem  
Tornara a vida, nem ás festas  
Nem á cidade mais vem;  
Sempre só por fora o vêem,  
Caçando pelas florestas.

Hi que encontre c'um leão,  
C'um urso que se erga em pé,  
Certo que menos mal é  
Que onde eles tam bastos são  
Que entre eles se durma e cé.

Da cousa má claramente  
Logo quem a vê se vela;  
Chega-se á que branda sente.  
Por isso á antiga serpente  
Pintam rosto de donzela!

Quando os antigos alguém  
Louvavam, não de senhor,  
Não de rico era o louvor,  
Chamavam-lhe : « homem de bem »  
E ainda : « bom lavrador ».

A nossa gente, que quis  
Arremedar os louvores,  
(Que agora parecem vis)  
Aos bons reis Sancho e Dinis  
Chamava-lhes lavradores.

Os valorosos romanos,  
Que em tempo o mundo regeram,  
D'onde cuidaes que escolheram  
Cincinatos e os Serranos  
Que ante si em campo puseram ?

E aquella sua grandeza,  
Que o tempo não quer que moura !  
Vemos que a mais da nobreza  
Sobre-nomes de riqueza  
Não pôs antes da lavoura.

Inda hoje vemos que em França  
Vivem nisto mais á antiga :  
Na vila o vilão se abriga,  
Onde tem nome de herança ;  
Mantem-no a sua fadiga.

Acende a frágoa o ferreiro  
Ao tempo que o galo canta ;  
Morde o couro o sapateiro,  
Brada c'o moço ronceiro  
Que inda se envolve na manta ;

Vive a nobreza por fora,  
Segura os despovoados,  
Correndo os lobos ousados ;  
Por derredor d'onde mora,  
Mantem livre o campo aos gados

Da má gente aventureira  
Que ás escuras tem seu trato;  
Que possa livre quem queira,  
Cantando, ir de noite á feira,  
Ou dormindo no mulato.

Bom tempo, quando segura  
A cabeça se encostava  
Onde o sono a convidava,  
Contente da cobertura  
Que lhe o formoso ceu dava !

Bebiam a água co'as mãos  
Nas fontes, inda em velhice,  
Melhor que por vasos vãos.  
Lavava éla os peitos sãos  
Antes da gargantoíce.

Jacob, fugindo ao irmão  
Que o mal tinha ameaçado,  
Pastor ao campo avesado,  
Passou o rio Jordão  
Na ajuda do seu cajado.

Como o sol no mar desceu,  
Comeria do fardel,  
Da água no rio bebeu ;  
Sobre ûa pedra adormeceu,  
Pôs nome ao lugar Betel.

Natureza nos pusera,  
Como os olhos nos abriu,  
Deante tudo o que viu  
Que necessário nos era ;  
De tudo o mais se sorriu.

Como ? uma ave já avesada  
A toda a delicadeza  
É melhor ajuizada ?  
Foge á gaiola dourada,  
Vae buscar a natureza !

Uma disposição má,  
Longa enfermidade, e dor  
Que de mal vae em pior,  
Onde remédio achará  
Se á natureza não for ?

Cega da minha fadiga,  
Que em vão tantas razões gasta,  
Que fazeis ? que vos obriga  
Deixar esta madre antiga,  
E ir buscar a madrastra ?

Dos vossos nobres avós  
As cruces em sangue abertas  
Vos põem obrigações certas ;  
Que não nas deixeis cá sós  
A ser do musgo cobertas.

O que porém não dirão,  
Em quanto cá teem tal feira,  
Como é a d'um tal irmão  
Que não houve o nome em vão  
Do gram Nun'Alvares Pereira.



Por toda esta grande Espanha  
*Froais*, que sóiam chamar,  
Fez em *Pereiras* mudar,  
Não do rei mouro a patranha,  
Mas vosso antigo solar,

Do qual, não ha muitos anos,  
Um que aqui Braga regeu,  
Pondo á parte os longos panos,  
Um passo dos castelhanos  
Á espada defendeu.

Ao reino cumpre em todo ele  
Ter a quem o seu mal doa;  
Não passar tudo a Lisboa,  
Que é grande o peso, e com ele  
Mete o barco na ágoa a proa!

E mais is-vos muito a ponto  
Para qualquer apetito...  
E eu já ouvi um conto :  
« Que a quem espreita e está pronto  
« Não vades mudar o fito ! »

Tereis lá conversações,  
Tereis graças delicadas  
Do ar do paço ajudadas ;  
Passarão derivações,  
Se já não forem passadas.

Transpuseram os amores,  
Deixaram o paço ás cegas !  
Ficaram por mantedores  
Rouxinoes assobiadores  
Pelas hortas de Xabregas. . .

Vereis barcos ir á vela,  
Uns que vão, outros que veem,  
Como que se desaveem  
C'uma viração singela,  
Tanta força e arte teem.

Os marinheiros vadios  
Que vilmente a vida apreçam,  
Pelas xárcias dos navios  
O que são senão bugios,  
Posto que vos al pareçam ?

Não hei por perda esta leve.  
Que sejam palavras tudo,  
Mas ao coração acudo ;  
Se não dizei : quem se atreve  
Á dor a esperá-la mudo ?

São élas porém já muitas,  
Fê-las ir crescendo a mágoa !  
Lembrem-vos as vossas frutas,  
Lembrem-vos as vossas truitas  
Que andam já por vossas na ágoa !

## CARTA III

### A seu irmão Mem de Sá

Em quanto de uma esperança  
Em outra esperança andaes,  
Trazer vos quero á lembrança :  
Que é mui leve e não se alcança,  
Voa sempre avan e mais !

Cuidaes que sois já com ela . . .  
Quando vo-lo mais parece,  
E quereis lançar mão d'ela,  
Metes remos, metes vela . . .  
Num pronto desaparece !

Mas não pode o coração  
Soltar assim levemente  
Tamanha deleitação . . .  
« Ah ! que a tive na mão !  
« Se fôra mais diligente ! »

Dos alquimistas se diz  
Que é doce a fadiga van.  
O desejo é mau juiz . . .  
Deixae « que o que hoje não fiz  
« Eu o farei àmanhan ! »

Não lhes val ver a fazenda  
Perdida após experiências . . .  
Andam de emenda em emenda,  
Da fornalha para a tenda ;  
D'assopros fazem sciência.

Aporfiou e subiu  
Faetão no carro do dia,  
Que ele por seu mal pediu.  
Sentiu-o a terra, e sentiu  
Um rio da Lombardia.

Não soube Hícaro reger  
As azas que houve de seu ;  
Quis subir . . . veio a descer,  
Aos peixes deu de comer,  
Ao mar o seu nome deu.

Após o que ha de cair,  
Por alevantar andâmos,  
Sem repousar, sem dormir.  
Alma que pode subir,  
A esta as azas quebrâmos!

Em quanto um busca seus danos,  
O outro já té os olhos jaz  
Por muitas sortes d'enganos ;  
Morte, que não conta os anos,  
Vem e leva o que lhe apraz.

Quantos, a que era devida,  
(Dos nossos ; deixo os alheios.)  
Ao menos por nós, mais vida,  
Que por conta não sabida  
Tinham já seus dias cheios !

Vistes uma claridade  
Que de cá té lá correu ?  
Como raio, em tal idade,  
Tanto saber, tal bondade  
Açsim desapareceu !

Alma bem-aventurada  
D'aquelle senhor tam nobre,  
Chegou a uma alta assomada ;  
Tudo lhe pareceu nada  
Quanto se d'ali descobre !

Um conde que inda alumeia,  
Assim morto o reino e a língoa,  
Outro depois de alta veia,  
Tinham sua conta cheia  
No tempo da nossa míngoa.

Ao menos para esforçar  
Os engenhos que atrás veem,  
Que sóe a terra de os dar ;  
O vau é mau d'acertar  
Se não no mostrar alguem.

Pelo que a este abrigo,  
Onde me acolhi cansado,  
E mais inda com perigo,  
E áquelas letras que sigo,  
Devo que nunca me enfado.

Devo a muito minha amada  
E só rica liberdade,  
Que tive aos dados jogada ;  
Aqui sòmente é mandada  
Da razão e da verdade.

Nas côrtes não pode ser.  
Os tempos vedes que correm . . .  
Vedes que, a todo correr,  
Vão muitos até morrer  
Por fugirem d'onde morrem !

Ora pôr peito á corrente,  
Que sejaes forçoso e são,  
E de sangue inda fervente,  
Gram nadador, claramente  
E' quebrar braços em vão !

Cansar — é sonhar privanças,  
Dar de golpe á liberdade  
Rica — por vans esperanças !  
Esses jogos, essas danças  
Passam com a mocidade !

Ando alimpando a pousada . . .  
Lembra-me quem diz que está  
Ante a porta, bate e brada ;  
Se a sentir despejada,  
Por ventura que entrará.

Olhae as aves do ar,  
Almas a quem nunca esquece  
Este haver, este ajuntar !  
Vêde-las ledas cantar ?  
Dizei-me : — que lhes falece ?

Fracos de fé, de fraqueza  
Veem estes vossos suores,  
Estes medos á pobreza.  
Olhae como a natureza  
Veste ricamente as flores !

Andando nestes enleios,  
Em quantos erros caímos,  
Sem conto, sem fim, sem meios!  
Dormimos sonos alheios,  
Os nossos não nos dormimos!

Queremos o que outrem quer,  
O que não quer engeitâmos...  
Estamos sòmente a ver;  
Rimos o alheio prazer,  
E inda quando choramos!

Como de casa saía,  
Sempre de seus olhos ágoa  
A Eraclito corria,  
Pelo que ouvia e que via...  
Que de tudo tinha mágoa.

Em fim, vendo o povo incerto  
A pressa que a errar levava,  
Não sofreu tal desconcerto,  
Fugiu para o campo aberto,  
Livre, sem muro, e sem cava.

Anaxágoras, que viam  
Ter c'os povoados guerra,  
Seus cidadãos repreendiam,  
Porque a um tal homem não viam  
Lembranças da sua terra.

— «Da para quem eu nasci  
«Tenho grande — respondeu —  
«Não me julgueis por d'aqui.»  
E, dizendo-lhes assi,  
Mostrava c'o dedo o ceu.

S. Jerónimo, alumiado  
D'aquela divina luz,  
Passava a vida apartado,  
Das letras acompanhado  
Que nos consagram á Cruz.

Aquele peito seguro  
A quem todo o mundo é riso,  
Às torres altas, e ao muro,  
Cárcer' lhe chamava escuro.  
E áquele ermo um paraíso

Da nossa tam rica herança,  
Cegos, que razão daremos?  
Como nos não faz lembrança  
Uma tam certa ordenança  
Do Sol e do Ceu que vemos?

Ele posto, a noite traz  
Consigo tantas estrelas  
Com que formosa se faz:  
Qual descuido pode em paz  
Alçar os olhos a vê-las?

Não se gaste mais pavio  
Após nossa alma esquecida,  
Lançada do senhorio!  
Tornemos atrás, ao fio  
D'esta a que chamamos vida!

Ponhâmo-nos em razão.  
Cousa é que verá um cego.  
Queremos repouso, ou não?  
— Queremos, todos dirão...  
E ninguem busca sossego!



Dizei-me: — Quando será  
Que nos lembre e que nos dêa,  
(Quam certa que a queda está!)  
Seguindo a mentira má,  
Deixando a verdade boa?

Que vejamos os que demos  
Cousas sem preço por preço,  
Que lhe tam baixo pusemos?  
A que estado nós descemos,  
E de quam alto começo!

Entre os brutos animaes,  
Não se houveram por seguros  
Os homens racionaes.  
Eram bravos, e eram mais.  
Fizeram as armas e os muros.

Agora, porque vos con'e  
Quando vi, tudo é mudado;  
Quando me acolhi ao monte  
Por meus vizinhos, defronte,  
Vi lobos no povoado.

Um rato usado á cidade,  
Tomou-o a noite por fora;  
(Quem foge á necessidade?)  
Lembrou-lhe a velha amizade  
D'outro rato que ali mora.

— «Faz um home a conta errada  
«Muitas vezes, e aconhece  
«Crescimento na jornada!» —  
Diz, e entrando na pousada  
Cidadão logo parece.

O pobre assim salteado  
D'um tamanho cortesão,  
Em busca d'algum bocado  
Vae, e ve.n, sempre apressado,  
Sem tocar c'os pés no chão.

Ordena a sua mesinha,  
Pôs-lhe nela algum legume...  
Medura quando ia e vinha...  
Deu-lhe tudo quanto tinha;  
Pede perdão por costume!

Diz:— «Quem tal adivinhara!»  
Contra o cortesão severo,  
«Que tanto andara e buscara  
«Té que alguma cousa achara  
«A quem tanto devo e quero!»

Cumpre, porém nesta mesa  
Que haja mais fome que gula;  
Tem-lhe a fogueirinha acesa,  
Faz rosto ledó á despesa...  
Vê-a o outro, e dissimula.

E dizendo está consigo:  
— «Que gente a dentre peneões!  
«Quanto ha de Pedro a Rodrigo!  
«Que bem diz o exemplo antigo  
«Que não são eguaes os dedos!»—

Ora depois de comer,  
Jazendo detrás do lar,  
Começa o nobre a dizer:  
— «Dous dias que has de viver  
«Aqui os queres passar?»

«Na aspereza do deserto,  
«Que não sei quem o suporte,  
«De urzes e tojos coberto,  
«Sendo tudo tam incerto,  
«Sendo só tam certa a morte!

«Vive, amigo, a teu sabor;  
«Mais é que cousa perdida  
«Quem por si escolhe o pior.  
«Vae-te comigo onde eu for,  
«Lá verás que cousa é vida!

«E depois que ambas provares,  
«(Que eu d'outrem não adivinho)  
«Quando te enganado achares,  
«Aqui tens os teus manjares,  
«Hi tambem tens o caminho.»—

Assim disse. Eis o vilão  
Em alvoroço e balança.  
Ia e vinha o coração,  
Ora *sim*, e ora *não*...  
Venceu, porém, esperança.

E que pode hi al fazer?  
Vive com tanto suor!...  
E mal pode inda viver...  
Mal pode o ano vencer!  
Sempre a saída é melhor.

E diz :— «Quem não se aventura  
«Não ganha! Quem ha que o negue?» —  
Escolhem hora segura;  
Foram pela noite escura;  
Guia o rico, o pobre segue.

Entram por paços dourados,  
Cheirosos inda da ceia...  
Tristes dos casaes colmados,  
Do sol, do vento queimados!  
Pobre e faminta da aldeia!

Vou-me por meu conto avante:  
Mostra-lhe o cidadão tudo,  
Que trás no bucho um Infante...  
Quem quereis que não se espante?  
Anda o vilãozinho mudo...

Que, tam sòmente em provar,  
Das cousas que mais lhe aprazem  
Já começam de engeitar,  
Fartos para arrebenatar  
Em finos tapetes jazem.

Nisto o despenseiro chega  
(Que estes bens não duram tanto);  
Vê-os, mas a presa o cega,  
Um tiro ou dous mal emprega,  
Corre-os de canto em canto.

Os cães, á volta, se ergueram,  
Ladram, — que é alto o serão;  
As casas estremeceram,  
Todos juntos lá correram.  
Foi dita que os gatos não!

Sabia o de casa a manha,  
Sabia os passos, fugiu;  
Ao ratinho da montanha,  
Aos pés, em pressa tamanha,  
O coração lhe caíu.

Em fim, passado o perigo  
Da morte que ante si vira,  
O coitado, só consigo,  
Pelo seu repouso antigo,  
Que mal deixara, suspira :

— «Minha segura pobreza,  
«Se chegarei a ver quando  
«A vós torne, e esta riqueza,  
«Mal que tanto o mundo preza,  
«Fuja, se puder, voando ?

«Ai, baldias esperanças !  
«Meu entendimento fraco,  
«Deixemos taes abastanças,  
«Taes riquezas, taes mostranças !  
«Deus me torne ao meu buraco !» —



## CARTA IV

### **A João Rodrigues de Sá de Meneses**

Dos nossos Sás Coloneses  
Gram tronco, nobre coluna,  
Grosso ramo dos Meneses,  
Em sangue e bens de fortuna,  
Que é tudo entre os portugêses !  
Mas vós, que sempre vos ristes  
Do povo, que não vê mais,  
Ricamente a alma vestistes ;  
O mais tendes por demais.

Aos grandes, aos valorosos  
Passados de quem herdastes  
Sobre-nomes tam lustrosos,  
Des que nas armas pegastes  
Não fostes dos ociosos.  
Bem pudéreis descansar,  
Que tempos foram de paz ;  
Pudéreis rir e jogar  
Como se na terra faz.

Mas entrastes noutra afronta,  
 D'outra nobre sede cego,  
 Desejastes de dar conta  
 Tambem de vosso sossego.  
 Como de Catão se conta.  
 As letras que não achastes  
 Vós as metestes na terra ;  
 À nobreza as ajuntastes  
 Com quem d'antes tinham guerra.

Dizem dos nossos passados  
 Que os mais não sabiam ler ;  
 Eram bons, eram ousados.  
 Eu não gabo o não-saber  
 Como alguns ás graças dados ;  
 Gabo muito os bons costumes,  
 Doe-me se hoje não são taes...  
 Mas, das letras ou perfumes,  
 De quaes veio o dano mais ?

D'estes mimos indianos  
 Hei gram medo a Portugal,  
 Que venham fazer-lhe os danos  
 Que Cápua fez a Anibal,  
 Vencedor de tantos anos.  
 A tempestade espantosa  
 De Trébia, de Trasimeno,  
 De Canas, Cápua viçosa  
 Venceu em campo pequeno.

Dom Afonso d'Aragão,  
 Rei nunca louvado assás  
 D'ânimo e de coração,  
 Tratava os livros na paz,  
 As armas na ocasião.  
 Ouvindo d'um rei que a mal  
 Tinha os reis que fossem lidos:  
 «Dito é — disse — de animal,  
 «Não de rei dos escolhidos.» —



Um marquês, de grande conta  
Por seu esforço e saber,  
Para a paz e para a afronta,  
A lança, soía dizer,  
C'os livros não se desponta.  
Este era a quem João de Mena  
Fez grande veneração  
Quando já tinha alta pena,  
Bem aparada ainda não.

Dous vencedores do mundo:  
Cesar e Alexandre o grande,  
Das letras foram té o fundo  
Em que fortuna não mande.  
Ponho aqui Bruto o segundo,  
E ponho os dous Cipiões.  
Fim (como dizem) fatal  
De Cartago, e dous Catões;  
Pudera pôr Anibal.

A fortaleza louvada  
Anda em braços co'a prudência,  
Irman sua muito amada;  
Põe-na avante a experiência.  
Tudo sem saber é nada!  
Por forças, nós que podemos?  
Isso que é, do saber veio:  
O bem todo está no meio,  
O mal todo nos estremos.

Os poetas tocam tudo;  
Jaz porém mais alto o cravo!  
Olhando pelo meúdo,  
O seu grande Aquiles bravo  
Ensina o Chirão sisudo,  
Que lhe abrande aquela sanha  
Sua, natural, que é muita.  
Em ûa cova soterranha,  
Canta o velho, o moço escuita.

Veados correm c'ò vento  
 E igualmente, e dos leões  
 Um só tem força por cento  
 De nós ; teem seus corações,  
 Nós temos entendimento.  
 Por onde entre nós devemos  
 Estimar aqueles sós  
 Que na parte em que vencemos  
 Nos vencem eles a nós.

Quando dava homens a terra,  
 O que já tanto não faz,  
 Da paz tratavam na guerra,  
 Também da guerra na paz.  
 Agora tudo nos erra,  
 Que, tirando algum abrigo  
 Mui raro, no mais, de fraca,  
 Semeaes... esperaes trigo...  
 Colheis joio e ervilhaca !

Diógenes, em claro dia,  
 Ia buscando á candeia...  
 O que? ninguem o sabia  
 Em Atenas, — em que aldeia!  
 Indo e vindo, assim dizia:  
 — « Vou-me por aqui buscando  
 « Entre tantos homens um;  
 « Neste vão cansaço ando...  
 « Inda não achei nenhum! » —

Deixemos queixas antigas.  
 Quero vos dizer de mim,  
 Que d'estas vossas amigas,  
 Digo: as letras, para o fim  
 Ajunto como as formigas,  
 Porque ninguem me lançasse  
 Como á cega-rega em rosto:  
 — « Em dezembro que bailasse,  
 « Pois que cantara em agosto! » —

Perdido tudo no mar,  
Saíndo o gram Zeno a nado,  
Vendo a fazenda ondejar,  
— « Assim, disse, despejado,  
« Me mandam filosofar ! » —  
Já vou sentindo algum fruto,  
Cada hora espero que creça;  
Andei fóra, o vento muito  
Fez-me gram mal á cabeça.

Cura-me a filosofia,  
Que me promete saúde ;  
Dou-lhe a mão, ela me guia.  
Ouço falar a virtude ;  
Se a visse, sarar-me-ia.  
Diz Platão, que é dos melhores,  
Que, de só pôr olhos nela,  
Altos e acesos amores  
Sempre teria com ela.

Como digo, eu só d'ouvir  
Ando como homem pasmado,  
Desejoso de a seguir,  
Chorando tudo o passado,  
Temendo tudo o porvir.  
Em toda a parte ha perigos  
A cuja lembrança tremo,  
Mais ao perto uns maus imigos  
De casa, a que muito temo.

A minha guia, este assento  
De viver assim cá fóra,  
Louva e dá-me atrevimento  
De ir avante hora por hora,  
Em que assim cego e atento.  
Sobre tudo os bons doutores  
Santos louvam tal tenção :  
Para cuidar nos amores,  
Tam certos no galardão.

Quem tanta força tivesse  
 Como cumpre á vida activa,  
 Que aos encontros se tivesse!  
 Virtude era ela mais viva,  
 De mais fruto e interesse.  
 Por Raquel, que não por Lia,  
 Sete e sete anos servi;  
 Pode ser por ela um dia  
 Que inda voasse d'aqui!

Entre tantos conselheiros  
 Busco que andem ás verdades  
 Nestes livros meus parceiros,  
 Não das praças e cidades  
 Amigos aventureiros.  
 Amigos de louvaminhas,  
 Como grimpa ao vento o peito,  
 Veem e vão com tempo feito!

Sofistas me são defesos  
 Com seus enganos e scismas.  
 Ei-os soltos, ei-os presos!  
 De fé, que não de sofismas,  
 Quer Deus os peitos acesos!  
 Que nas ágoas encharcadas  
 Hi se ajuntam como rans,  
 Fazem grandes matinadas,  
 Tudo são palavras vans!

As Musas me não defendem;  
 Deixemos as demasias,  
 Que a todo san peito ofendem!  
 Mandam rir de cousas frias  
 De alguns que agudezas vendem!  
 Entendimentos diversos,  
 Com que artes nos encantam!  
 Salmos que são se não versos?  
 E os hinos que a Deus se cantam?

Aqueles cantares finos,  
A quem Líricos disseram  
Os gregos e os latinos,  
Dizei-me: d'onde os houveram  
Se não dos livros divinos?  
Quantos que d'eles ao seu  
Trouxeram as ágoas á mão!  
Regou Píndaro e Alceu,  
Regou seus campos Platão!

Mas o que eu por ora aprendo  
É ler livros, de gíolhos,  
Divinos, que mal entendo;  
Mas fossem dignos meus olhos  
De cegar sobr'eles lendo!  
Que, de seus mistérios altos,  
Assim lobrigando, vejo  
Que não sou para taes saltos,  
Porém suspiro, e desejo.

Era em grande differença:  
Se casaria, se não . . .  
Houve de saír sentença  
Que a só uma o coração  
Desse, e desse ás mais licença.  
Isto dito, Amor mais raro  
Deu sinaes como era ali;  
Outro som do coldre, claro,  
Outro das frechas ouvi.

Amor, que estás sempre avindo  
Com Deus, que é a pura verdade,  
Sejas por sempre bem-vindo  
Ao entregar da vontade,  
Que entrego em te aqui sentindo. .  
Põe do teu fogo a esta casa,  
Faze quanto nela ha teu,  
Que Deus é fogo que abrasa . . .  
Sei-o de um privado seu!



## CARTA V

### A Pero de Carvalho

No lugar onde me vistes,  
De ágoa e do monte apertado,  
E d'outras paixões que ouvistes,  
Tenho mais dias contado  
De ledos, que não de tristes.

Isto que ora ouvis de mim,  
Olhae se ouvis lá de alguém!  
Buscae, perguntae sem fim  
No desejado Almeirim,  
No farto de Santarem.

Que tenção todos tomastes  
À terra que me criou,  
De quem tanto praguejastes!  
Porque? — Porque vos livrou  
Da peste com que hi chegastes?

Fostes mal agasalhados?  
Não, certo, que até as fazendas  
Vos davam parvos honrados!  
Pois porque? — Porque os privados  
Tínheis longe vossas rendas?

Homens que sempre aos proveitos  
E a vosso interesse andaes,  
Vestidos de falsos peitos,  
Quam pouco que nos lembraes  
Dos sãos, dos comuns respeitos !

Por esta causa se vê  
Diferença nos conselhos,  
E chega inda o mal até  
Desacreditar nos velhos  
A san prudência e a fé.

O que eu por parcialidade  
Nem outro respeito digo :  
Da antiga e nobre cidade  
Sou natural, sou amigo,  
Sou porém mais da verdade.

Como vos partistes de hi,  
Logo abrigados achei  
Onde me desencolhi ;  
Seguramente dormi,  
Seguramente velei.

Cidade rica do santo  
Corpo do seu rei primeiro,  
Que inda vimos com espanto,  
Ha tam pouco tempo, inteiro  
Dos anos que podem tanto.

Rei a quem se Deus mostrou,  
Rei que tantos reis venceu,  
Rei que taes reis nos deixou ;  
O bom filho hi se lançou  
Que até Sevilha correu.



Outro rei nosso, sem mal  
Que lhe empeceu a bondade,  
O quarto de Portugal,  
Qual teve ele outra cidade  
Que lhe fosse tam leal ?

Qual a sua fé salvou  
Por tanto perigo e medo ?  
Qual outra tanto esperou ?  
Qual outra as chaves mandou  
Ao rei já morto em Toledo ?

Mas tornando ao abrigado  
Onde me furtei aos ventos.  
Hi, depois de em mim tornado,  
Que rir ! que esmorecimentos  
Do tempo tam mal gastado !

E o fogo que se ora acende,  
A presteza das mudanças,  
Mal que tam longe se estende,  
As vidas curtas defende  
Tomar longas esperanças.

Gigues na sua abastança,  
Que de toda a parte ajunta,  
Inchado em tanta bonança,  
A Apolo um dia pergunta  
Pela bem-aventurança.

Tal fumo Apolo entendendo  
Julgou por melhor estado  
O de Aglão, que, pastor sendo,  
Se ia cantando e tangendo,  
Olho sòmente ao seu gado.

Ó ricos, que esta riqueza  
Está no contentamento!  
Mais tem quem mais a despreza,  
Não foge o rico avarento,  
Por mais que fuja, á pobreza.

Onde mais pode caber  
Sinal é de lugar vão,  
Que se pode ainda encher . . .  
Os corações hão de ser  
Ricos, que os cofres não.

Por faminto que venhaes,  
Morto de sede, ou com frio,  
Fogo onde quer o achaes ;  
Vae muita ágoa pelo rio,  
O monte dá que comaes.

Quem a appetites dá crença,  
Uma mão toma, outra pede ;  
Nunca esperes que se vença!  
Sinal de uma má doença,  
Quanto mais ágoa : mais sede.

Tem cobiça a boca aberta . . .  
Isto que te assim parece  
E trás que andas tanto àlerta,  
Luz, de fora, e resplandece,  
Dentro . . . não ha cousa certa !

O juizo e a razão ata,  
Tudo deixa escuro e em erro,  
As leis de Deus desacata ;  
Do tam mole ouro e da prata  
Faz duras prisões de ferro.

Esta entrada em nossos peitos  
Faz neles estragos taes  
Que ermos ficam, e desfeitos,  
Abertos por mil portaes,  
A todo o vento sujeitos.

Que não fará? pois trocar  
Nos fez a paz pela guerra!  
Fez uns aos outros matar;  
Passou de vivenda ao mar  
Homens naturaes da terra! .

Escravos mais que os escravos,  
Por razão e por justiça,  
Deixae-vos de tantos gabos,  
Que vos vendeu a cobiça  
A mar bravo e a ventos bravos!

Esp'ritos vindos do Ceu,  
Postos aos lanços na praça,  
Com que nadas vos venceu!  
Por que nadas vos vendeu! . . .  
Melhor fôra antes de graça!

Metaes de tam baixa liga,  
Quem nos na terra escondera?  
Natureza mãe e amiga  
Entre nós e eles pusera  
Tanto trabalho e fadiga!

Serviu de mór appetito!  
(Disseram Fortuna e Inveja)  
Em fim seu feito — seu dito!  
Para al creadô o esp'rito,  
Isto só sonha e dêseja.

E, porém, que são ? Engano.  
Que mais uma mãe fizera ?  
Afastava-nos o dano  
Aos filhos que á vida dera,  
Acesa de amor humano.

Mas que pode aproveitar  
Se lhe fazemos tal guerra,  
C'o contínuo trasfegar,  
Ora revolvendo o mar,  
Ora revolvendo a terra ?

Nas minas altas que digo,  
Revolta a terra té o centro,  
Que faz o homem, imigo  
De seu repouso, lá dentro,  
Com tal trabalho e perigo ?

Debaixo da terra fria,  
Haja vergonha a razão,  
Haja alma, que mais devia !  
Que deixando atrás o dia,  
Pela noite àvante vão !

Não teem termo homens ousando ;  
De seu siso em desamparo,  
Tudo foram apalpando :  
Té pelo ar solto e raro  
Houve quem fosse voando !

Gente que não teme nada  
C'os medos se desafia ;  
Por mares sem fundo nada,  
Passou a zona torrada,  
Anda por passar a fria . . .

Não é para tanto a vida.  
Quanto melhor escolheu  
Quem na dorna, ao Sol volvida,  
Viveu mais rico e morreu  
Que Crasso, que Creso e Mida!

Fugindo Crates ao ouro,  
Mais que um covarde do ferro,  
E ás cousas de mau agouro,  
Lançou ao mar gram tesouro. . .  
Quem fará agora tal erro?!

Por força a cidade havida,  
Respondeu ao inimigo  
Bias, a quem fica a vida:  
«— Tudo o meu levo comigo,  
« Deixo a fortuna corrida.»—

Aos de Esparta naturaes,  
Responde Apolo a seu rogo:  
—« Se a liberdade estimaes,  
« Velae-vos d'este ouro mais  
« Que do ferro nem do fogo!»—

Do grande Epíteto o nobre  
Esp'rito, o só livre e franco,  
Num corpo coitado e pobre,  
Escravo, e ainda manco,  
Quanta de riqueza encobre!

Da sua fraca casinha  
Ledo sae, ledo a ela torna,  
O mesmo que ia—esse vinha.  
Casa que porta não tinha,  
Que mais montava que dorna?

Jesus Cristo busca obreiros,  
 Não os quer despedaçados,  
 Quer os seus de todo inteiros ;  
 Dos corações alugados  
 Poucos são os verdadeiros.

— « Gente de vontade dura »  
 « (Diz êle) a que não andaes ?  
 « Em quanto esta luz vos dura,  
 « Não vos tome a noite escura  
 « Antes que vos acolhaes ! » —

Não seria eu, isto vendo,  
 De juizo e razão san  
 Andar mais dias perdendo.  
 Comecei ante-manhan,  
 Não sei que andava fazendo !

Ia-me enjoado assi  
 Ao som por onde os mais andam . . .  
 Olhe bem cada um por si,  
 Que estes bens falsos d'aqui,  
 Se não são mandados, mandam !

Os desejos são sem termo,  
 A esperança é saborosa.  
 Eu contentei-me d'este ermo  
 Pela razão que a Raposa  
 Deu ao Leão que era enfermo :

— « Meu rei, meu senhor Leão,  
 « Olho cá e oiho lá,  
 « Vejo pègadas no chão,  
 « Que todas para lá vão,  
 « Nenhuma vem para cá. » —

Essa Circes feiticeira  
Da côrte tudo tresanda;  
D'este faz onça ligeira,  
Lobo outro que á carniça anda,  
Outro cão que a caça cheira.

Alguns papagaios vão,  
Outro urso direito em pé,  
Cada um de sua feição,  
Outro gatinho ermitão  
D'estes que veem da Guiné.

Cantam, ao passar, sereias  
Que fazem adormecer;  
Correndo todas as veias,  
De tal sono as deixam cheias,  
Que se não pode home erguer.

Vou c'o pensamento e venho,  
E ao meu medo devo muito,  
Por quem livre me sustenho;  
Pelo que vi e que escuito;  
Nisso que tenho, assás tenho.

Do com que folgo outros rim!  
Cada um terá sua escusa . . .  
Já vos dei muitas por mim.  
Estas cousas são, em fim,  
Como d'elas homem usa.

Sejam razões poderosas;  
Olhae que o ferro se deu  
Para cousas proveitosas . . .  
Depois este *meu e teu*  
Fez d'ele as armas danosas.

O fogo, que nos foi dado  
Ás tantas necessidades,  
Que ser não pode apreçado,  
Fará, e fez no passado,  
Em pó já muitas cidades.

D'este engenho, que diremos?  
De quem nós taes gabos damos,  
Com quem tudo acometemos?  
Quantas vezes d'ele usâmos  
Mal, e como não devemos!

Dom do ceu nosso especial,  
E veio a ser todavia  
Este homem racional  
Tam agudo no seu mal  
Como ontem na artelharia!

A fins tam desordenados,  
Que remédios se oferecem?  
Diz S. Paulo: — «Homens errados,  
«Se os ódios entre vós crecem,  
«Comer-vos-eis aos bocados!» —

O nome da ociosidade  
Sôa mal, mas se ela é san,  
Bem ocupada, é bondaíe.  
Sócrates da liberdade  
Lhe chamava sempre irman.

Dou-vos Ênio por autor:  
— «Quem não sabe usar do ócio  
«Cansa e anda derredor;  
«Vem a ter maior negócio  
«Que um grande negociador.» —



Porque este sabe após que anda,  
Aquele a si não se entende;  
Quanto anda tanto desanda,  
Não se obedece nem manda,  
Ora se apaga ora acende.

Vê-lo ir, vê-lo tornar,  
Vê-lo cansar e gemer,  
E em busca de si andar,  
Cobrar a côr, e perder,  
Que se não pode topar.

Mas eu, porque passa assi,  
Que seja muito, direi:  
Dias ha que me escondi;  
C'o que li, c'o que escrevi,  
Inda me não enfadei!



## CARTA VI .

### A Dom Fernando de Meneses

Guadalquivir arriba, a rica praia  
Vistes tam perigosa, e as maravilhas  
De que contaes, que, ouvindo, homem desmaia

Vistes armadas tantas armadilhas  
Aos olhos, e, entre outros entremeses,  
Pescar com redes de ouro das Antilhas !

Senhor meu Dom Fernando de Meneses,  
Vi Roma, vi Veneza, vi Milão,  
Em tempo de Espanhoes e de Francêses,

Os jardins de Valença de Aragão  
Onde Amor vive e reina, onde florece,  
Por onde tantas embuçadas vão !

Mas isso, assim direi, que mais parece  
As covas de Sevilha soterranhas  
Onde a vida em prazer desaparece.

Quem não dirá tambem que são patranhas  
As cousas que ali vistes ser verdade ?!  
Sabeis do que lhe vem? — De ser tamanhas !

Espreita onde vê rica ociosidade  
Amor, e a seus prazeres solta a van  
Desenfreada prodigalidade,

Imiga das leis santas, e da san  
E boa temperança e vida pura,  
D'essa outra vida sevilhana irman.

Aqueles são seus parques, hi segura  
O seu estado grande e as suas côrtes;  
Ali é gram senhor, dura o que dura!

Por hi passeia, e vae a seus deportes;  
Vive ali Salamandra no seu fogo,  
Que a ele vida dá, e aos seus mil mortes.

De quem se ele apodera, entrando, logo  
A liberdade foge, e nunca mais,  
Em quanto o hi sente, torna a risa ou jogo!...

Mas outra vez ás novas que me daes  
Das senhoras, das casas, e das sedas,  
Pedraria que cega os avençaes,

Para onde correm todas as moedas,  
As de ouro poderoso e prata fina!  
Em ricas praças ricas almoedas.

Quem se ali chega aos lanços, desatina.  
A primeira aventura é a do siso,  
Que logo perde; tudo á banda inclina.

Ali o saber, ali o brando aviso,  
As boas partes todas quantas são,  
Nobreza e parecer, é tudo um riso,

Vendendo elas o seu sempre em pregão!  
Cousas que em tendas se acham por um nada  
Regateiras crueis, por quanto as dão!...

Ai que cegueira tam acostunada  
Em todo o tempo, em toda a lei e idade !  
Quem mais leva na bolsa, esse arrecada.

Não falemos naquela enfermidade  
De seus validos, que é como se acerta  
Por appetites só, por leviandade.

Que não se pode dar hi regra certa  
Se não que assim lhe apraz a quem se obriga,  
Que dos mais é cada um como se oferta.

Quem o crerá? que nisto a gente antiga,  
Que tanto viu, viu pouco! do costume  
Cega, e d'esta baixa humana liga.

Entrando o tempo mais, entrou mais lume,  
Suspirou-se melhor, veio outra gente  
De que o Petrarca fez tam rico ordume.

Eu digo os provençaes, que ainda se sente  
O som dos brandos versos que entoaram  
As suas musas brandas, brandamente.

Depois, ah que vergonha! em fim tornaram  
A cair muito neste amor vicioso;  
Ao fino os peitos finos o salvaram.

Escrevem que um filósofo famoso  
Tentado d'essa Lais, por quem se chama  
O porto de Corinto perigoso,

D'essa a quem todos ver vinham por fama  
De sua formosura, ficou tal  
Que vencedor tornou, vencida a dama.

E mais quando o perdão era geral  
A todos neste caso, — tanto a usança  
A dar culpa e desculpa pode e val'!

·Porém de uma tamanha confiança  
De si, de tal constância em taes amores  
(De um só seja aqui dito em abastança!)

Enxameia este mundo, e dá das flores,  
Como lhe apraz á grande natureza.  
Dos santos não me meto em seus louvores,

Que não se atreve a tanto esta rudeza  
Do baixo estilo meu, da fraca veia,  
Que entendo e não me engana sua pobreza.

Ora estaes já na côrte onde se ateia  
Para vós outra frágoa, outra contenda,  
Outra prisão mais nobre, outra cadeia;

Onde nem tudo leva a grande renda  
Nem a negociação, que isso seria  
Tirar poder a Amor, dá-lo á fazenda.

Amor é senhor grande, e não se guia  
Por interesses vis, dar e tomar,  
E seu trato não é de mercancia;

Amor é um bem que corre sem parar,  
Que não sabe pôr nódoas de suspeitas  
Na fé, nem inquirir, nem duvidar;

Não ergue ao ar figuras contrafeitas,  
Como vemos ás tardes nuvens raras,  
Em pouco espaço feitas e desfeitas;

Não tem contra-sinaes, nem almenaras;  
Não manda escuitas fora; ahi é paz boa,  
Correm das fontes claras ágoas claras.

Quam longe do outro cego que ao ar voa  
Todo desassossegos e queixumes!  
Cuidaes que is vento á popa, is vento á proa!

Todo desconfianças e ciumes,  
Uns nadas, que porém ferem de agudo,  
Reina no povo, e segue os seus costumes.

Este tudo é falar, o outro é mudo,  
Ou canse os corações que ouvidos teem  
Mais certos, e outros olhos que vêem tudo,

Que os peitos passam da banda d'além,  
Como o sol dando faz numa vidraça.  
Os claros corações claros se vêem!

Verdade é que estes tempos não dão graça,  
Essa que dar soía no passado.  
Que sair não no deixa tanto á praça.

Teme-se d'um inimigo apoderado  
Da razão, que só sonha Índia e Brasil,  
Té que cada um de lá torne dourado.

Lançou-nos a perder engenhos mil  
E mil este interesse, que haja mal,  
Que tudo mais fez vil, sendo ele vil!

Os momos, os serões de Portugal,  
Tam falados no mundo, onde são idos?  
E as graças temperadas de seu sal?

Dos motes o primor, e altos sentidos,  
Os ditos avisados, cortesãos.  
Que é d'êles? quem lhes dá somente ouvidos?

Mas deixemos ora ir queixumes vãos!  
Assim foi sempre, assim sempre será...  
Trocam-se os tempos, fogem d'entre as mãos!

Não vedes quantas voltas que o Sol dá?  
Ora aparece, ora desaparece!...  
Que, debaixo do ceu, cá quêdo está?

O que ontem muito aprouve, hoje aborrece ;  
Dão volta as cousas todas a reveses ;  
Num poço um balde sobe, e outro deçe . . .

Mas vós, ó bom Dom João, vós, de Meneses  
Dom Manoel, que taes tempos lograstes,  
Chamar-vos-ei ditosos muitas vezes,

Que com tanto louvor aqui cantastes,  
E com tal voz, que ainda eu alcancei  
Os derradeiros ecos que deixastes.

Depois de fora parte aqui escutei  
E ouvi cantares. Foram eles taes  
Que eu tambem, transportado, os meus cantei . . .

Ora outra vez a vós, senhor, que andaes  
Naquela viva força d'essa idade  
De que os amores se apoderam mais ;

Não me seja contado isto a vaidade,  
Mas eu não vejo aqui cousa mundana  
Que tam pouco pareça á humanidade !

Quem cuidado terá por obra humana  
Quando tam altamente alma se escora  
Que o poder da fortuna não na abana ? !

Alça-se o esp'rito e vae de foz em fora ;  
De todos os sentidos só por si  
Ouve e vê, de que vive hora por hora.

De tudo quanto o mundo préza ri,  
Tudo lhe é, como dizem, névoa e vento ;  
Passou-se a corpo alheio, e vive ali.

Buscou e pôs tam alto o fundamento  
Que por cousa que veja, ou que aconteça,  
O mesmo é no prazer que no tormento.



Hi se acaba o seu bem onde começa ;  
Faz como a águia aos filhos, que os engeita  
Se a vista, ao Sol, de algum vê que enfraqueça.

Assim toma aos cuidados conta estreita,  
E aquele que ser bom, claro, não vê,  
Não é dos seus, a conta em nada é feita.

Ali se abraça só com sua fé,  
Sem querer nada mais ; hi se adormenta.  
Que riqueza grandíssima aquela é  
Que uma parte só viva, outra não senta !



## CARTA VII

**A uma senhora muito lida em nome  
de certo servidor seu**

Cuidando em vós, senhora, no alto engenho,  
Delicado saber, na tanta estima,  
Não sei com que ousadia ante vós venho !

Por dom da natureza posta a cima  
De tudo o que aqui vemos descoberto  
A que é tam necessária a vossa lima !

Ocasões esperando, e algum acerto,  
(Que tudo é cheio de acontecimentos !)  
Quantos males passei ! quam encoberto !

As esperanças foram-se c'os ventos  
Dias ha, se eu tivera vista alguma . . .  
Mas bem é que assim vão vãos pensamentos.

Senhora, quanto sol e quanta lua,  
Em quanto eu cuido e temo, se me vão !  
Vivendo triste sem vida nenhua.

Cuidava eu que valesse esta razão  
Com quem tanto ela val', val' pouco em fim ;  
Nomes custosos, que remédio não !

Comigo a braços, a que estado vim?!  
Lidando noite e dia, em fim quebrados!  
Uns me mostram ao dedo, outros se rim...

São fogos como os que vemos pin'ados;  
Não chego a dizer mais, digo o que posso,  
Os d'alma são os vivos e os calados.

Não sei como não vistes este vosso  
Esp'rito (em tanto tempo) onde assim val'  
Este nome de meu, e inda de nosso,

Nem como andaes cuidando tanto em al  
Que não vistes esta alma em tantos dias,  
Que a vós só tem por bem seu principal!

E não se vos mostrou por tantas vias  
Tanta verdade, experiência tanta,  
Apurada em taes fogos e agonias?

Essa vista que o mundo todo espanta,  
Aquele entendimento tam profundo,  
Quem o cega assim nisto? quem o encanta?

Hércules, tam falado pelo mundo,  
Que trabalhos venceu! porém a dura  
Madrasta não cansou té ver-lhe o fundo.

Em fim, vendo-o no fogo, já segura,  
Seus olhos farta, mas ás imortaes  
Honras, que se lhe devem, torna escura.

Julgam-se as cousas pelos seus sinaes  
Melhor que por palavras. Que farei?  
Tudo me lembra, e tudo por demais!

Tiranía cruel, bárbara lei  
Que assim quer o que quer, brava opinião!  
Abasta: «assim me apraz, assim mandei»,

Tirando seu lugar sempre á razão.  
Mas a culpa é do Amor que envolve tudo !  
Deixae chamar os seus por ele em vão,

O duro, o brando, o sem siso, o sisudo,  
O velho com suas lágrimas piedosas,  
O moço aos sobressaltos, branco e mudo !

Amor tem cheio de armas vitoriosas,  
Em padrões altos, tudo ao derredor,  
Pelas façanhas suas espantosas.

Poderoso, absoluto, e só senhor,  
(Os deuses teem os fados sobre si !)  
Livrementemente o que quer só pode Amor.

Os santos juramentos, ora assi  
Ora assim feitos, passa em graça e riso,  
Té da lagôa subterrânea ri !

Não se pode falar, estando em siso,  
Nas grandezas do Amor ; cumpre que estê  
O entendimento do corpo diviso.

O que ao baixo olivel nosso se vê  
Tudo tambem é baixo ; estes sentidos,  
Levemente enganados, não dão fé.

Os remos na ágoa parecem torcidos ;  
Os olhos nos enleia um jogo leve  
De mãos, e assim se enganam os ouvidos.

Bem sabeis vós, senhora, o que se escreve  
De dous pintores nobres á porfia,  
Em que cada um vencer o outro se atreve:

Frutas pintou um d'elles que de dia  
Vinham aves comer ; outro um véu  
Pintado fez, que a sua obra escondia.

Vêde quanto a arte pode! não valeu  
Ali vista e saber. O véu, de diante,  
Mandava alevantar o que perdeu!

Diz ledo o vencedor:— «Foste bastante  
« A enganar aves! Que vitória a minha  
« Enganando um pintor tam posto avante!»

Aquele leve grego que ia e vinha  
Com tanta ligeireza e tal favor  
Que, os pés correndo, quedo o corpo tinha,

Quando cuidavam que havia de transpor,  
Inda d'esse lugar se não movera  
De que esperava prémio após louvor.

El Rei Agesilau, que não pusera  
Nisso cuidado, mais não disse então  
Que afirmar que jogral lhe parecera.

Ora tornando atrás, pouco mais são  
Os nossos olhos que esses dos morcegos  
Pois que umas cousas vêem, e as outras não.

Seus tesouros e seus ricos empregos  
Alcançam-se por sorte grande e rara,  
Jazem em mui profundos e altos pegos.

Tanto ha que canso que me desampara  
O mesmo tempo; as forças desfalecem. . .  
Ai quanto custa uma esperança cara!

Queixas, a alguns de fora, isto parecem,  
E quiçás que o serão . . . Só alma o sente  
E estes olhos coitados, que amolecem.

Entretanto que cuida a leve gente  
D'esses que vemos tantos a milhares,  
Regidos só do caso e do acidente?

Ondas que aos ventos vão correndo os mares  
Em debates, que ferem ás escuras,  
E sem certeza dão por esses ares!

Estas seriam as desaventuras  
Que Heraclito chorava em vida andando,  
E Demócrito ria, por loucuras,

Com muitas outras que fazem gram bando,  
Posto que serão sempre as principaes  
As do que assim se perde outrem buscando.

Meus desatinos, onde me levaes,  
Vãdiamente assim, de monte em monte,  
Ou, como dizem, por andorriaes ?

Tomastes-me jazendo á minha fonte;  
O caminho não míngoa, antes mais crece,  
Por muito que a razão clara desconte.

E não me basta o mal que me acontece,  
Que é tanto em dano meu, senão a vergonha  
Que de mim e que d'outrem me recrece.

Que sorte tam estranha de peçonha !  
Ando em busca de mim não sei por onde,  
Em quanto esta alma tresvaria e sonha . . .

Aqui sòmente a van Eco responde,  
Que parece tambem que anda éla em busca;  
Não sei por que cavernas se me esconde.

Quando o mundo esclarece, e quando embrusca,  
Se eu suspiro, suspira — ah crueldade !—  
Tambem dirá por mim:—«Este que busca?»—

Triste, que já não ando após piedade;  
Sou em poder da dor, entendo o erro,  
Entendo o engano, entendo a vaidade.

Sigo umas sombras vans, que nunca aferro;  
De uma só folha que atravessa tremo...  
O tempo gasta as pedras, gasta o ferro!  
Por mim já nada, por vós tudo temo!



## CARTA VIII

**A seu cunhado Manoel Machado de Azevedo**

É, senhor, grande trabalho  
Escrever de Gerações.  
Nem todos são Scipiões . . .  
E podem cheirar ao alho  
Ricos homens e infanções.

Se dizeis verdade a todos,  
De nenhum estaes seguro,  
Que não ha sangue tam puro,  
Nem para avós tantos godos  
Que um não achem no monturo!

Escrever com louvaminhas,  
Não é minha profissão;  
Tirar unhas ao leão  
Para pô-las nas galinhas,  
Outros o façam, que eu não.

No tempo dos reis primeiros  
Era a côrte nestes montes.  
Vim beber de suas fontes,  
Que ha lá por baixo atoleiros  
Que não tem̃ barcas nem pontes.

Dinheiro, ofícios, privanças  
A nobreza nos desterra;  
Judeus e mouros á terra  
Nos trazem suas lianças.  
Que é nesta paz maior guerra.

Estes querem tingir tudo  
Com poder mais soberano;  
Quem não veste do seu pano  
Convem-lhe fazer-se mudo  
Por evitar maior dano.

Os del-Rei Sancho guardae,  
Que bom testemunho dão;  
Cante a cigarra o Verão,  
Mas o Inverno lhe aguardae,  
Que vos virão ter á mão.

Então sem contradições  
Vossos avós mostrareis,  
Que reis deram e foram reis.  
Deixae-lhes dourar brasões.  
Que vós lh'os desdourareis.

Se nove Torres tiraram  
Que guardavam três Machados,  
Com dous mais bem vos pagaram,  
Pois Torres Novas entraram  
Martim c'os quatro creados.

Se o Primaz os ajudou  
Com informações erradas,  
Outro Primaz nós deixou  
Por suas cartas firmadas  
O que Sancho confessou.

---

Por mais que queiram, senhor,  
Nada vos hão de empecer,  
Que não leva o jogador  
Mais paus por mais se torcer,  
Se lança a bola pior!



## ELEGIA I

**Ao Doutor Antonio Ferreira,  
em resposta d'outra sua, que anda impressa  
com as suas obras**

Esta branda Elegia, esta tam vossa,  
Quero dizer: de tanto preço e tal  
Que vae fugindo ant'ela a névoa grossa,

Bem vejo que era empréza principal  
Esta a que vinha, mas a dor recente  
Tempo esperava, cura mais geral.

Quanto que áquela veia assim corrente  
Se deve! áquele engenho pronto e raro  
Que, assim sente, assim diz tudo o que sente!

E mais, em tal sazão, tal tempo, avaro  
De louvores alheios. em gram dano  
Dos engenhos que se acham sem amparo.

Vem um dando á cabeça, e conta ufano -  
Cousas do seu bom tempo ; ardendo em chamas,  
Pelas que fez todo al lhe é claro engano.

Andam-se as razões frias pelas ramas,  
Um vilancete brando, ou seja um chiste,  
Letras ás invenções, motes ás damas,

Uma pergunta escura, esparsa triste,  
Tudo bom, quem lh'o nega? mas porque,  
Se alguém descobre mais, se lhe resiste?

E como? Esta era a ajuda? Esta a mercê?  
(Deixemos as mercês!) Este o bom rosto?  
Que menos custa em fim que este tal é?

E logo aqui tam perto, com que gosto  
De todos, Boscão, Lasso, ergueram bando,  
Fizeram dia já quase sol-posto!

Ah! que não tornam mais! vão-se cantando  
De vale em vale, em ar mais luminoso,  
E por outras ribeiras passeando!

Tornemos ao desastre a nós choroso.  
Furtando-me-ia á dor, que inda ameaça  
Como um parto ao fugir mais perigoso.

Não ousou inda a falar tanto de praça,  
Falo convosco como em puridade,  
Incerto do que diga e do que faça.

Quando mandei meu filho em tal idade  
A morrer pela Fé (se assim cumprisse),  
Que esta era a verdadeira sua verdade,

— « Tu vaes pelo caminho agro (lhe disse)  
« Que tu mesmo tomaste á tua conta.  
« Sem perigos, quem se acha que subisse?

« De tempo que assim foge, que te monta  
« Vinte, ou trinta anos mais? que montam cento?»—  
Ergueu a vista a mim, alegre e pronta,

Suspirando por ser lá num momento,  
Se ser pudesse! tam depressa os fados  
Corriam! . . . Nomes vão, sem fundamento!

Então o encarreguei d'estes cuidados :  
« Deus, e logo honra, logo o capitão.»  
Quam de pressa a cumprir foi taes mandados !

Parece que os levou no coração,  
Não soltos por de fora nos ouvidos,  
Como outros fazem, que perdendo os vão !

Tinha do corpo espertos os sentidos,  
Os da alma muito mais, mais limpa e pura . . .  
Já agora os bons desejos são cumpridos.

Viu onde a deixaria em paz segura ;  
De pressa á ocasião arremeteu,  
Não quis esperar mais outra ventura.

No dia do começo a conta encheu ;  
Seguro viu a morte — espanto antigo.  
Nós sonhâmos aqui, tu vaes-te ao Ceu ! . . .

Ditoso aquele mestre Dom Rodrigo  
Manrique, a quem em seu tempo louvou  
O filho, e deu ao corpo em morte abrigo !

Era ela conta igual, que quem entrou  
Primeiro á vida fosse-se primeiro . . .  
Eu sou quem devera ir ! Quem nos trocou ?

Cordeiro, ante o trono alto do cordeiro,  
Lavado irás no teu sangue sem mágoa . . .  
Oh ! quem, como era pae, fôra parceiro !

Diz Paulo, da Fé nossa ardente frágua,  
Que para o filho o pae faça tesouro ! . . .  
Parece natural um correr de água . . .

Não assim aqui perto ; abaixo o Douro,  
Ao contrário, no mar se lança escuro  
Mondego e Tejo das areias de ouro.

Quanto mais certo contra o inimigo duro  
Podes que outrem dizer: «vim, vi, venci»,  
Cerrando e abrindo a mão, posto em seguro!

Não se vejam mais lágrimas aqui,  
Salvo se por nós forem, que em taes trevas,  
Em tam cega prisão deixaste assi.

Vae te embora, que já não tens que devas  
Temer; lá tudo é paz, tudo sossego,  
A quem leva o seguro que tu levas!

Ditoso, que não viste, de dor cego,  
Por senhor um inimigo de tua lei,  
Que a tanta presa fora injusto emprego.

Quantas graças, meu Deus, quantas te dei,  
Sabendo d'alma que era livre e viva;  
Sem ela ao corpo de que temerei?

Sabia a sua condição altiva  
(Nesta só parte, no mais branda e humana);  
Era para morrer, não ser cativa.

O sepulcro, com quem se a vista engana,  
É levíssima perda, que também  
É lodo, é terra, é pó terra africana,

Que tam estreito mar entre si tem!  
Abila e Calpe, foi tempo um sòmente,  
Dous agora, um d'aquem, outro d'alem,

Nos quaes duas colunas pôs defronte  
Hércules, que ali entrada ao gram mar deu.  
Falece antes quem creia que quem conte.

Os Gregos, no que escrevem, poem do seu  
Às vezes muito, e dizem que chamadas  
Já foram as colunas de Briareu.



Acabemos nas bêm-aventuradas  
Almas subidas para sempre á luz  
Onde rindo-se estão dos nossos nadas!

Um só, que em sangue aberta traz a cruz  
Branca por armas, deu Deus á cidade,  
Milagre que em sinaes claros reluz.

Rotas as armas, rota a humanidade  
Por muitas partes, mouros a milhares,  
Morde-se a Inveja as mãos, ri-se a Verdade.

Para as festas divinas, que lugares  
Tam claros hi ganhastes pelas lanças,  
Ledos correndo a tanta glória a pares,  
Sem fim, sem sobressaltos, sem mudanças!



## ELEGIA II

### A' morte do príncipe

**Dom João, filho d'El-Rei D. João o terceiro**

O príncipe Dom João de Portugal  
E' morto! Ouça-o a grande natureza  
Que no-lo dera em mostras d'imortal.

Como pôde cair tanta grandeza?  
Como puderam os pecados tanto,  
Que alcança a perda a toda a redondeza?

Eu digo os nossos, que no peito santo  
Nunca pecado entrou, nunca entrou erro . . .  
Bem se vê da sua glória e nosso pranto.

Nesta, terra já não, antes desterro,  
Dae lágrimas sem fim ao mal infindo,  
Idade pouco ha d'ouro, hoje de ferro.

Que mais vos pede a teia, que, em se urdindo,  
Cortada foi? . . . Debuxo e obra tam prima  
Num só momento tudo á terra é vindo!

Ah! que das cousas de tamanha estima  
Não somos dignos; mostram-se sòmente  
Para subir por elas ao de cima.

Seus olhos alevanta então a gente  
 Ao ceu; co'aquele espanto ergue o sentido,  
 E cuida no porvir, deixa o presente . . .

Aquele real corpo bem nascido,  
 Entendimento muito mais que humano,  
 Subitamente desaparecido !

O grande e rico reino lusitano,  
 Em tam pequeno espaço, hoje, tam pobre !  
 Para que foi tal bem ? — Para tal dano ?

Vanmente os olhos buscam aquela nobre,  
 Aquela só real mostra, em verdade,  
 Que escuríssima nuvem no-la encobre.

Tudo é cheio de dor e de saudade,  
 Tudo de confusão; tudo é patranha,  
 E tudo o que cá vemos é vaidade !

A nossa grande e rica sorte estranha,  
 Tal inveja te fez, ó fado duro ?  
 Nossa não só, mas de toda esta Espanha,

A quem contra infieis fôra alto muro !  
 Ora envolvam-se as fontes e ágoas claras,  
 Seja na terra tudo triste e escuro !

Que longes tam formosos ! que almenaras  
 Mostravas ! Mais cruel quando assi ofendes.  
 Menos mal se de longe ameaçaras !

Quando prometes mais, mais te arrependes ;  
 Contra nós manha e força exercitaste.  
 Quando será, cruel, que no-lo emendes ?

Cruel fado por certo, que mudaste  
 Uma tal claridade em noite escura !  
 Porque contra nós tanto te assanhaste ?

Aquela mais perfeita creatura  
Que nunca entre nós houve, ah! grave dor,  
Metêste-a em uma negra sepultura...

Oh! que vitória a tua! que valor!  
Contra um corpo tam tenro, e tenros anos,  
Inda pediste ajuda ao cego Amor!...

Ó mundo tudo vento e tudo enganos,  
Que é d'aqueles triunfos, que é das festas  
Que haviam de tornar cedo em mais danos?

Sabe quem tudo vê que logo eu d'estas  
Outras que se seguiram me temi,  
Andando pelas sombras das florestas

E pelos bosques, onde me escondi  
Ha tanto já, guiado da influêcia,  
Quando d'aquelle inglês malvado ouvi.

— « Altissimo Senhor, tua paciência  
« Não se pode vencer; posto na cruz,  
« Sofreste agora, e então, sem resistência.

• « Então perdeu o sol sua clara luz,  
« E agora este sol nosso aborreceu  
« A terra, e fugiu d'ela, e já não luz! » —

Assim me queixava eu, quando do ceu  
Me senti repreender, qual Job jazendo  
Com grave dor, mas dor mór me venceu.

De cima um ar singelo ir-se movendo,  
Ouvi, claro dizer: — Ora que queres,  
Queixumes vãos vanmente ao ar perdendo?

Aquela, entre os nascidos das mulheres,  
Príncipe santo, foi-se a seu lugar;  
Vossos nada deixou, foi-se aos prazeres.

Vós, lá de baixo, que podeis julgar  
Nesse vale de lágrimas e dores,  
Onde o mais que sabeis é só chorar ?

Gentes queixosas, vãos murmuradores,  
Pois não alcançaes o grande, o alto conselho,  
Convertei os queixumes em louvores,

E os olhos levantae áquele espelho,  
Que nesta gram tormenta, como um faro,  
Vedes nas mãos daquele honrado velho,

O qual co' a alta rainha, exemplo raro  
De virtude, o menino oferecera  
Á santa protecção, ao firme amparo

D'um santo, natural nosso, a que erguera  
De novo um templo, claro tanto em tudo  
Que as névoas d'Amarante esclarecera,

D'onde a Deus torna, em voz louvando, o mudo  
E o que pedras lançando vinha á gente,  
Repousado também torna, e sisudo ;

Torna o aleijado são, torna o doente,  
— Milagres uns sobre outros á porfia  
A fonte mana, e não ágoa corrente.

E lembrae-vos também d'aquelle dia  
Áquele santo mártir consagrado,  
Que é nosso protector na epidemia,

Que esse reino vos tem d'ela amparado ;  
Não se vos pode dar mais clara prova  
Que o próprio braço seu a el-rei mandado.

Dos altos ceus, o ceu geração nova  
Yos torna a dar, e tudo o que falece  
No mundo, que com ela se renova.

Este avô, tal que tudo a Deus merece,  
Antes os dous avós d'ambas as partes  
Lhe irão caminho abrindo, em quanto crece,

Despregando a bom tempo os estandartes  
Para lh'os entregarem vitoriosos,  
Dous Rómulos, dous Numas, e dous Martes,

Se devo comparar c'os fabulosos  
Os altos feitos de que será herdeiro  
C'os reaes cinco escudos gloriosos,

De que o seu lhe esmaltou o rei primeiro,  
Que a altíssima visão viu, como vira  
Constantino a cruz alta c'o leteiro.

O que logo no Tibre se cumprira  
Contra o tirano que impaciente jaz,  
Onde inda ágoa, parece, os corpos vira.

Dinis c'os outros passo, em guerra e em paz  
Honra das armas, honra dos costumes,  
Que ao novo sucessor gram lugar faz.

E, deixando no filho os seus queixumes,  
— Que erros foram porém da mocidade  
No mais esclarecido e de mil lumes! —

Assegurou em Espanha a cristandade,  
Vencendo os mouros, vencendo a cubiça  
De tam rico despojo, oh gram bondade!

Pedro, que amores teve co'a justiça,  
Real e não cruel inclinação,  
Fez Moisés, fez Samuel justa carniça!

A justiça conforma co'a razão,  
E quer S. Paulo que se tenha aos reis  
Temor, não vae diante o estoque em vão.

Muda o tempo costume, muda as leis  
Humanas, está firme o natural.  
Isentos, olhae bem como viveis ;

Não vos isentam para fazer mal,  
Deixae-vos d'esses vossos argumentos,  
Que não vale ante Deus o que lá val'.

Ora a ti torno ; não brades aos ventos !  
A antiga busca, busca a nova história :  
Toda éla é cheia de acontecimentos.

Finalmente João da «Boa-memória»  
Conhecerá o quinto neto augusto,  
Digno Sebastião de tanta glória.

Por justíssima lei, título justo,  
Do pae tudo era ; passou-se a melhor vida,  
E d'esse lá não quis mais pelo custo.

Não te nego, porém, que era devida  
Mágoa a tal perda ; mas entende, e crê-me :  
Põe em Deus teu cuidado, alma esquècida,  
E sòmente a Deus ama e d'ele treme !



## CANÇÃO I

### A Nossa Senhora

Virgem formosa, que achastes a graça  
Perdida antes por Eva, onde não chega  
O fraco entendimento chegou a fé!  
Coitada d'esta nossa vista cega  
Que anda apalpando pela névoa baça,  
E busca o que, ante si tendo, não vê!  
Sem saber atinar como, ou porquê,  
Entrei pelos perigos,  
Rodeado de inimigos.  
Por piedade a vós venho, e por mercê,  
Vós, que nos déstes claro a tanto escuro,  
Remédio a tanta míngua  
Me dareis língua e coração seguro.

Virgem toda sem mágoa, inteira e pura,  
Sem sombra nem d'aquela culpa herdada  
Por todos nós, té o fim desde o começo,  
Claridade do sol nunca turbada;  
Santíssima e perfeita creatura  
Ante quem de mim fujo e me aborreço!  
Hei medo a quanto fiz, sei que mereço!  
Dos meus erros me espanto,  
Que me aprouveram tanto;  
Agora á só lembrança desfaleço,  
Mas lembra-me, porém, que vós fizestes  
Paz entre Deus e nós,  
E a quem por vós chamou sempre a mão déstes!

Virgem, seguro porto, amparo e abrigo  
 Às móres tempestades, ah! que tinha  
 Aos ventos esta vida encomendada,  
 Sem olhar a que parte ia ou vinha,  
 Descuidado de mim e do perigo,  
 Surdo aos conselhos, tudo tendo em nada!  
 Não vos seja em desprezo esta coitada  
 Alma que ante vós vem,  
 C'os receios que tem,  
 De inimigos grandes mal ameaçada.  
 E que eu, tam peccador e errado seja,  
 Vença vossa bondade  
 Minha maldade grande e assim sobeja.

Virgem, do mar estrela, e, neste lago  
 E nesta noite, um faro que nos guia  
 Para o porto, antes claro e certo norte,  
 Quem sem vos atinar, quem poderia  
 Abrir sòmente os olhos, vendo o estrago  
 Que, atrás olhando, deixa feito a Morte?  
 Quem me daria proa com que corte  
 Por tam brava tormenta?  
 De toda a parte venta,  
 De toda espanta o tempo feio e forte...  
 Mas tudo que será? — Co'a vossa ajuda  
 Névoa da lagôa  
 Que ao vento vôa, e num momento a muda!

Virgem perfeita, e do Sacrário santo  
 Porta que Ezequiel cerrada via  
 À parte que responde ao Oriente;  
 Alto silvado que todo êle ardia  
 Sem ofendido ser tanto nem quanto,  
 E foi tal testemunha ali presente;  
 Velo de Gedeão, divinamente  
 Dado em alto sinal  
 Do orvalho celestial  
 Que, tudo o mais enxutto, ele só sente...

Senhora, que podeis, em tal afronta  
Restituí-me a mim  
Antes da fim, que o sol vae-se e transmonta.

Virgem e madre juntamente, quem  
Tal nunca ouviu, nem d'antes nem depois,  
Senão em vós? então quem no entendeu?  
Vós madre e filha, vós esposa sois  
D'aquelle que apertado ao peito tem  
Vossos braços! O que não pôde o ceu,  
Na vossa alta humildade se venceu  
O soberbo tirano  
Que com inveja e engano  
Nos fez tam perigosa e longa guerra!  
Por mulher se causou tal dano nosso:  
Quem nos restituiu  
De vós saíu, Senhora: o preço é vosso!

Virgem! nossa esperança, um alto poço  
De vivas ágoas que contínuo correm,  
Em que se matam para sempre as sedes;  
Não de Nembrot, de David a torre,  
D'onde socorro espero ao meu destroço,  
Assim tam perseguido como vedes,  
De entre tam altas, tam grossas paredes!  
De ferro carregado,  
Um coração coitado  
Chama por vós envolto em bastas redes,  
Um sobre outras; porém sinaes tenho  
De ser do vosso bando,  
Que, a vós bradiando, por piedade venho.

Virgem, do Sol vestida, e dos seus raios  
Claros envolta toda, e das estrelas  
Coroadas, e debaixo os pés a Lua;  
São vindas minhas culpas e querelas  
Sobre mim tantas! Valei-me aos desmaios!  
De muitas que possa ir chorando alguma!

Não me deixaram desculpa nenhuma  
Os meus erros sobejos ;  
Levaram-me os desejos  
Tantas ocasiões, indo ua e ua !  
Quem tormenta passou por toda a praia  
C'os ventos contrastando,  
Saia nadando já com vida, e saia !

Virgem, horto precioso, alto e defeso,  
Rico ramo do tronco de Jessé  
Que floresceu tam milagrosamente,  
Custódia preciosíssima da Fé,  
Que vós tivestes só de todo em peso,  
Tendo um e outro sol sua luz ausente ;  
A alma que os seus enganos tarde sente,  
Altíssima senhora,  
Por vós suspira e chora.  
Ontem menino, sou velho ao presente ;  
Vou-me de dia em dia, de ano em ano,  
À minha fim chegando,  
Dissimulando a vergonha e o dano.

Virgem, andando aqui já celestial,  
E em corpo assim levada ao ceu empíreo,  
Sem ser vista mais cá de olhos humanos,  
Certa porta do ceu, dos vales lírio  
Que nunca teve nem terá igual ;  
Dada por só remédio a nossos danos  
Contra os demónios, sejam meridianos,  
Sejam da noite escura ;  
Esperança segura,  
Taes forças, contra taes mestres de enganros,  
Com vosso esforço, por terra e por mar  
Não digo eu haver medo,  
Mas ir ao campo ledo, e pelejar.

Virgem das virgens, como o tempo voa !  
Nossa certa esperança

Por toda a vizinhança  
Quanto gemido a toda a parte soa!  
Quantas lágrimas são mal derramadas!  
Mas, postos de gíolhos,  
Em vós os olhos, tudo o mais são nadas!..



## CANÇÃO II

### A' festa da Anunciação de Nossa Senhora

Dia gracioso e claro,  
Prometido de tanto  
Tempo á gente por Deus escolhida  
Para ser nosso amparo!  
Ah! mistério tam santo  
Que nos tolheu a morte e deu a vida,  
Mercê não merecida  
Que o entendimento abate!  
Celeste mensageiro,  
Que ao longo cativoiro  
Nos trouxe hoje do ceu um tal resgate,  
Sejaes na minha ajuda,  
Socorrei em tal pressa a língua muda!

Fizera-se tirano  
A cabeça da inveja  
(Não sei o que me logo entrando digo)  
Do novo estado humano,  
Que, de altivez sobeja,  
Tantos dos seus perdera ali consigo . . .  
Um ódio tam antigo,  
De jornada em jornada,  
Que avante cada hora ia.  
Quem remédio hi poria  
Se não quem por nós fez tudo de nada?  
Na culpa entrou mulher;  
Assim convinha no remédio ser.

Virgem sagrada e pura,  
Que a natureza esmalta,  
E tanto atrás de si tudo deixou,  
Perfeita creatura  
Posta em parte tam alta  
Que nunca culpa alguma lá chegou,  
Comnosco conversou  
No mundo por seu meio  
O verbo divinal ;  
Por nós feito mortal,  
Co'a cruz ás costas de tam longe veio,  
E com taes armas sós  
Taes imigos venceu só para nós.

Foi o primeiro Adão  
De limo virgem feito,  
Inspirando-lhe ali divino esp'rito.  
Assim estava em razão  
Que estoutro mais perfeito  
De ventre virginal saia bemdito,  
Isento do delito  
Em que a serpente antiga  
A todos envolvera.  
O ceu que Eva perdera,  
Quem no-lo abriu, ficou fora de briga ;  
Foi-lhe hoje entregue a chave,  
Foi-lhe o nome mudado d'Eva em Ave.

O embaixador divino,  
Com tal acatamento,  
Propôs como o menor ante o maior ;  
A Virgem indo a tino  
Regia o pensamento,  
Deixando nas mãos tudo do Senhor.  
Divino resplendor !  
Divina claridade !  
Em noite escura ali tam claro dia !  
Quanto em glória subia



Tanto descia mais em humildade ;  
Temia, e confiava,  
Cuidando ora no ceu, ora onde estava.

Contemplava cada hora  
Que havia de parir  
Uma Virgem, sinal dado na lei.  
Sempre diz : Ah ! quem fôra  
Digna de a servir,  
Virgem e madre de um tam alto rei !  
Pecador, que direi  
Em mistérios tam altos ?  
Filho no ceu sem mãe ?  
Filho em terra sem pae ?  
A taes escuridões — taes sobressaltos !  
Este pó, terra indina,  
Quando cuida que atina, desatina.

Se á tua grande mas pobre vontade  
Fôra dada equal graça,  
Saír puderas, canção minha, á praça !



## SEXTINA

Não posso tirar os olhos  
D'onde m'os leva a razão.  
Quem porá lei á vontade  
Confirmada do costume,  
Vontade que ás suas leis  
Manda obedecer por força?

Isto que al é senão força  
Que me fazem os meus olhos,  
Quebrantadores das leis?  
Brada após mim a razão,  
Mas que val' contra o costume  
Em que está posta a vontade?

Conselhos vãoos, á vontade,  
Que só pode e só tem força  
Ajudada do costume,  
Vós não podeis estes olhos  
Erguer um pouco á razão  
Que faz e desfaz as leis!

Que tirania de leis !  
Que dureza de vontade !  
Ah ! gram míngua de razão !  
Queira, ou não queira, é por força  
Que se me vão estes olhos  
Onde m'os leva o costume !

Não valem leis sem costume,  
Vale o costume sem leis.  
Ai, escravos dos meus olhos,  
Governados da vontade,  
A quem déstes tanta força  
Em desprezo da razão !

É morta, ou dorme, a razão,  
Ou não sente, por costume.  
Que farei á maior força ?  
Hajam piedade as leis  
De quem, entregue á vontade,  
Vae preso após os seus olhos !

Olhos — após a vontade,  
As leis — após o costume,  
Após a força — a razão !

## ESPARSAS

### I

A nossa bula de Amor  
Não é para toda a gente ;  
Perdoa a culpa sòmente,  
A pena não, nem a dor.  
Assim faz Amor com ela,  
Que com esperança incerta  
A Leandro, e Hero á janela,  
Traz ao mal e á morte certa.

### II

Porque pudera abafar,  
Ouvindo, o que nasce mudo,  
Com desejos de falar,  
Antes se lhe negou tudo.  
Ora havendo de nascer  
De ouvir de ver tal desejo,  
Porque ouvi, se vos não vejo,  
Nem vos espero de ver ?

## III

Tornou-se-me tudo em vento  
Após tormento e tormento  
Que eu passei cuidando em al!  
Em fim, veio cedo o mal,  
E tarde o conhecimento!  
Eu, assim desenganado,  
Vejo vir males maiores . . .  
Ó tempo, a que sou chegado!  
Que posso doer ás dores,  
E dar cuidado ao cuidado!

## IV

Do passado arrependido,  
Seguro de outro erro tal,  
Seja o perdido perdido,  
E do mal o menos mal!  
Faça-se o que vós mandaes,  
Não nos ouça mais ninguém,  
Que do mal vosso, e do bem,  
Não sei qual quisesse mais.

## V

Todas as cousas teem cabo,  
Seja paz, ou seja guerra;  
Oíhae que brada da terra  
O meu sangue e o meu agravo.  
Cada hora em tudo ha mudança;  
Virá após esta outra tal  
Fazer justiça e vingança.  
Negra da minha esperança,  
Que me doe mais que o meu mal!

## VI

Não vejo o rosto a ninguém!  
Cuidaes que sou, e não são.  
Homens, que não vão nem veem,

Parece que avante vão.  
Entre o doente e o são  
Mente cada passo a espia,  
E ás horas do meio-dia  
Andaes entre o lobo e o cão.

## VII

Como não quereis que seja  
Meu perigo em todo extremo,  
Se minha alma assim deseja  
Tudo o de que me eu mais temo?  
E para mór meu tormento,  
Assim cego, assim alheado,  
De tudo o al fui roubado,  
Se não do conhecimento.

## VIII

Quando nos meus erros cuido,  
No meu claro e longo engano,  
Levemente passo o dano  
A par de tanto descuido.  
Passando á força de braços  
Por uns, por outros empeços,  
Quam mal que nestes espaços  
Dizem os fins c'os começos!

## IX

Çerra a serpente os ouvidos  
Às vozes do encantador;  
Eu não, que fôra melhor . . .  
Porque agora meus sentidos  
Quero perder com tal dor.  
Os que mais sabem do mar  
Fogem de ouvir as sereias . . .  
Eu não me pude guardar ;  
Fui-vos a ver, e escutar,  
Fiz minh'alma e vida alheias !

## X

**A Pero Carvalho**

Mandar em tal tempo luvas,  
Serviço era ele escusado !  
Outra cousa foram uvas,  
Outra vinagre rosado !  
Creio que outra cousa fôra . . .  
    Mas, porém,  
Ninguem dá o que não tem,  
E nem do que tem já agora !



## CANTIGAS

### I

Que é isto ? onde me lançou  
Esta tempestade má ?  
Que é de mim, se não sou lá  
E cá comigo não vou ?

Inda que me eu cá não via,  
(Tudo vos confessarei)  
Onde a vós e a mim deixei  
Cuidava que me acharia.  
Agora quem, d'onde estou,  
Novas de mim me trará ?  
Pois dizeis que não sou lá,  
Não sei, sem mim, onde vou !

### II

Comigo me desavim,  
Sou posto em todo perigo ;  
Não posso viver comigo,  
Nem posso fugir de mim.

Com dor da gente fugia  
Antes que esta assim crescesse ;  
Agora já fugiria  
De mim, se de mim pudesse.  
Que mais espero ou que fim  
Do vão trabalho que sigo,  
Pois que trago a mim comigo  
Tamanho imigo de mim ?

## III

Nascido e creado em meio  
De dores, fez-se a dor tal  
Que pôde chegar o mal  
Onde não pôde o receio.

Que se eu pudera alguma hora  
Em tanto tempo cuidar  
De ver tamanho pesar  
Pudera-o sofrer agora.  
Mas que farei se a dor veio,  
Crescendo, a fazer-se tal  
Que pôs avante o sinal  
D'onde o pusera o receio ?

## IV

Sortes e venturas são  
Os males que me fazeis.  
Se tendes razão, se não,  
Senhora, vós o sabeis.

Por isso, quanto padeço  
E o mais que de vós espero,  
Quero-o, se vo-lo mereço,  
E, se não, também o quero.  
E que agora o não cuideis  
Anos e tempos farão  
Que o que por razão haveis  
Inda hajaes por sem razão.

## V

Razão e tempo seria  
De ver sua vaidade  
Aquela cega vontade  
Que tam cêgamente guia.

Se pudera um grande imigo  
Fazer mais? certo é que não.  
Por mimos do coração,  
Inda tudo o pior sigo.  
Vou-me assim de dia em dia,  
Olhos de longe á verdade,  
Entretanto esta vontade,  
Assim cega, guia . . . guia !

## VI

Nada do que vês é assi,  
Trás os olhos não te abales ;  
Tudo é : tirem-me d'aqui,  
Matem-me n'essoutros vales.

Posto que al te assim parece  
D'este sonho e mostra van,  
Por de fora resplandece,  
Dentro não ha cousa san.  
Corri montes, corri vales,  
Cego cuidado, após ti . . .  
Deixa-me morrer já aqui,  
Não me mandes ver mais males !

## VII

Foi-me grande agravo feito !  
Ser-me-ia ora mau de crer.  
Quem o fez, pôde-o fazer  
Ou a torto ou a direito.

Estava ordenada uma hora,  
Veio, não houve hi tardança,  
E levou-me uma esperança  
Que, se não fôra, eu não fôra.  
Que remédio ao que é já feito?  
Quem o fez, tinha o poder . . .  
Eu já que posso fazer  
Mais que gemer em meu peito?

## VIII

Cegô d'este meu desejo,  
Mal dos males, mór dos móres,  
Que não daria estas dores  
Por quantos prazeres vejo.

Meu mal tudo tem por si;  
Tam cêgamente deseja  
Que inda não vejo nem vi  
Cousa que me faça inveja.  
Teve este mal os seus meios  
Com que aprouve a sua dor;  
Mas trago ainda os olhos cheios,  
Que hei de ver cedo outro mór.

## IX

O coração que vos vê  
Aos olhos que vos não vêem  
Não nos culpem, quê não teem  
Alguma razão por quê.

Cada hora este olhos canso  
Por estes montes arriva,  
Que á vista curta e cativa  
Tolhem todo seu descanso.  
Deixem nos cegar, que teem,  
Chorando, razão por quê;  
Buscou-vos alma, e lá é,  
Eles cá choram d'aquem.

## X

Toda esperança é perdida,  
Tudo veio a falecer,  
E o que inda fica da vida  
Ficou para mais perder.

Aquela esperança minha,  
Assim fraca e van como era,  
C'os olhos que eu nela tinha  
A todo mal me atrevera.  
Ora ela está já perdida,  
Mas não me ha de fazer crer  
Que não ha mais nesta vida  
Se não nascer e morrer.

## XI

Por estes campos sem fim  
Onde a vista assim se estende,  
Que farei, triste de mim,  
Pois ver-vos se me defende?

Todos estes campos cheios  
São de saudade e pesar  
Que veem para me matar  
Debaixo de ceus alheios.  
Mal sem meio, mal sem fim,  
Dor que ninguem não na entende,  
Até quam longe se estende  
O vosso poder em mim!

## XII

Pois meu mal com quanto é,  
Inda a crueldade é mór;  
Ao menos faça esta dor  
Ante vós fé de tal fé.

Vistes passar tantos anos,  
Duro sempre este cuidado ;  
Mas de homem desenganado  
Nunca estranheis desenganos.  
Que, sem causa e sem porquê,  
Traz um mal outro mal mór,  
Mas de mim, seja o que for,  
Lembre só que é pela fé

## XIII

Tudo passa como um vento ;  
Um mal sempre me é presente,  
Que ao coração inocente  
Cada hora põe a tormento.

Às voltas c'umas suspeitas,  
Contas fiz, contas desfiz ;  
Mas estas, depois que as fiz,  
Foram para sempre feitas !  
Jaz alto seu fundamento !  
Neste bravo fogo ardente,  
Por quem culpado se sente,  
Morra o sem culpa a tormento !

## XIV

Olhae a tamanha estreita,  
Senhora, minha alma é vinda :  
Na vida — infinda suspeita,  
Na morte — saudade infinda !

Quem me dará novas penas,  
Inda que o mais tudo tolha,  
Com que vôle, e que me acolha  
Do meio de tantas penas ?  
A saída agra e estreita  
Causaram tanta ida e vinda ;  
Da vida lança a suspeita,  
Da morte saudade infinda !

## XV

Se me este cuidado atura,  
Que me persegue e que eu sigo,  
A vida está em perigo,  
E a alma pela ventura.

Bem sei tudo o que ha de ser,  
Mas é de tanto pesar  
Que hei medo de o dizer  
E medo de o cuidar.  
Não vejo cousa segura!  
Seguro é só o perigo,  
E o que agora não digo  
Deixae fazer á ventura.

## XVI

Alma tam sem assossego  
Que nem d'este ar me farto!  
D'onde c'um queixume chego,  
Com mil queixumes me parto.

Nas cousas em que alguma hora  
Esperei de ter repouso,  
Triste de mim, que já agora  
Sòmente cuidar não ousou!  
A que fraqueza me chego,  
Em quantos males me parto  
Por este coração cego,  
Nunca de seus males farto!

Os meus perigos medonhos  
Em que alma cada hora empeça,  
Os ventos, névoas, os sonhos  
Que não teem pés nem cabeça!  
O que com a língoa nego  
Por muitos sinaes reparto  
Em poder d'aquelle cego  
De cujo poder não parto.

Mal as noites, mal os dias,  
 Com medos e com suspeitas,  
 Fazendo contas baldias  
 Que asinha serão desfeitas ;  
 • Com muito desassossego  
 Com que chego, e com que parto,  
 Com ver tanto, e com ser cego,  
 Todos do que encubro farto !

## XVII .

Mal de que me eu contentei,  
 A conta feita está já ;  
 Agora descansarei.  
 Se me segue, matar-me-á,  
 Se me deixa, matar-me-ei.

Nas cousas que não ha meio,  
 Escusado é cansar mais,  
 Ir de receio em receio,  
 E de sinaes em sinaes,  
 Espreitando o bem alheio .  
 Em vão, cá e lá cansei ;  
 Tudo me é tomado já.  
 Agora descansarei,  
 Que este mal me matará,  
 Se não eu me matarei.

## XVIII

Uma morte hei de morrer.  
 Que faz mais assim que assi ?  
 Isto não posso sofrer :  
 Haverem-se de perder  
 Os olhos com que vos vi !

Os olhos, porque passaram  
 Os vossos ao coração,  
 Onde para sempre estão,  
 São estes que me ficaram



Para minha salvação.  
Mas se inda os heĩ de perder,  
Afora quanto perdi,  
Acabarei de morrer,  
Acabarei de entender  
Para quanto mal nasci.

## XIX

Ledo em meus males sem cura,  
E nos descansos cansado,  
Querendo e sendo forçado,  
Ora cuidar me assegura,  
Ora me mata o cuidado.

Assim me teem repartido  
Estremos, que não me entendo ;  
De toda a parte corrido,  
De toda desacorrido,  
Em nenhuma me defendo.  
A vida está mal segura,  
Mas eu quero este cuidado,  
Que mal tam bem estimado  
Em tanta desaventura  
Me faz bem-aventurado !

## XX

*En toda la tramontana  
Nunca vi cosa mejor  
Que era la esposa de Anton  
Vaquerizo de Morana.*

Naquele longo desterro  
Que eu por vontade escolhi,  
(Quer fosse razão, quer erro,  
Quis o coração assi)  
Vi uma visão ufana . . .  
(A's vezes cuido que não)

Fosse verdade ou visão,  
Ia em trajos de serrana.

Não era o coração quedo ;  
Indo e tornando ameúde  
Ora ao prazer, ora ao medo,  
Tive-me o melhor que pude.  
Quantos bens me a sorte dana !  
Brada quem o vê em vão.  
Tal como era, era de Antão,  
Um vaqueiro de Morana.

Olhos que taes olhos vistes,  
Vivei bem-aventurados.  
E, porém, ouvidos tristes,  
Para tanto mal guardados !  
Que é isto que assim me engana,  
Que assim despreza a razão ?  
Suspirava por Antão  
Quem não tem nada de humana !

## XXI

De quem mê devo queixar ?  
De vós, que pudera ser,  
Não vos sabe alma culpar ;  
Fica sòmente o sofrer,  
Se mais fica, é suspirar . . .

Os meus suspiros té'gora  
Quase eram contentamentos ;  
Tambem de prazer se chora . . .  
Entraram males de fora,  
Não um, não dois, mas seiscentos !  
E não lhes bastou entrar,  
Mas inda sempre a crescer . . .  
Onde ha isto de ir parar ?  
Não fica se não sofrer  
E o muito do suspirar.

Ora os suspiros que são  
Salvo ar espalhado ao vento ?  
Onde brada o coração  
Nossos ouvidos não vão,  
Deixam tudo ao entendimento.  
Que me eu quisesse queixar,  
Quem me poderia crer ?  
Deixae ! Já venha o pesar,  
Que pode o pouco empecer,  
Que pode o muito durar !

## XXII

*Naquela alta serra  
Me quero ir morar ;  
Quem me quiser bem,  
Quem me bem quiser,  
Lá me irá buscar.*

Nestes povoados  
Tudo são requestas ;  
Deixae-me os cuidados,  
Que eu vos deixo as festas.  
D'aquelas florestas  
Verei longe o mar ;  
Pôr-me-ei a cuidar.

Sombras e ágoas frias,  
Quando o sol mais arde !  
Depois, sobre a tarde,  
Por cá bradarias:  
Vês que pressa os dias  
Levam sem cansar ?  
Nunca hão de tornar.

Não julgue ninguém  
Nunca outrem por si !  
Mais d'um bem, que vi,

A vida não tem.  
Não deixa este bem  
Onde se êle achar  
Mais que desejar . . .

Deixa as vaidades,  
Que da mão á boca  
O prazer se troca!  
Trocam-se as vontades . . .  
Essas vans saudades  
Armadas no ar,  
Que podem durar ?

Naquela espessura  
Me hei de ir esconder ;  
Venha o que vier,  
Achar-me-á segura.  
Se tal bem não dura,  
Ao seu trespassar  
Tudo ha de acabar.

### XXIII

Até quanto me tereis  
Nesta dor que por vós quis ?  
Os serviços que vos fiz  
Quando m'os perdoareis ?

Não ser vosso não é em mim.  
Isto quereis-m'ó acoimar !  
Que perdão posso esperar  
Se esta alma é vossa sem fim ?  
Se me tanto mal fazeis  
Por serviço que vos fiz,  
O bem que vos quero, e quis,  
Quando m'ó perdoareis ?

## XXIV

Entre temor e desejo,  
Van esperança e van dor,  
Entre amor e desamor,  
Meu triste coração vejo.

Nestes extremos, cativo,  
Ando sem fazer mudança.  
Se já vivi de esperança,  
Agora de chorar vivo!  
Contra mim mesmo pelejo;  
Vem d'uma dor outra dor,  
Vem d'um mal outro mal mór,  
De um desejo — mór desejo!



## VILANCETES

### I

Em pago d'aquela dor,  
Que eu tam mal vos merecia,  
Se verei inda algum dia?

Se vos, senhora, aprouvesse  
De ver esta minha fé  
Uma hora só antes que  
Morresse, e depois morresse!  
Quem tal esperar pudesse,  
Com todo o mal poderia  
C'os olhos naquele dia!

### II

Que mal avindos cuidados  
Me tomaram entre si!  
Nunca taes cuidados vi!

A minha alma não repousa  
Nem de noite nem de dia;  
Dentro d'ela contraria  
Toda cousa a toda a cousa.  
O cuidado, que mais ousa  
E que mais confia em si,  
Ora é assim ora assi!

## III

*Por malos embolvedores,  
Pierdo, triste, mis amores.*

A um só descanso que eu tinha,  
A uma só esperança,  
D'onde veio tam asinha  
Uma tamanha mudança?  
Que se fez da confiança  
Com que nos tormentos móres  
Eu sofria as minhas dores?

Se havia o ser de ser tal,  
Melhor fôra antes não ser.  
Houvesse-me inveja ao mal,  
Que ao bem mal pudera ser!  
Já vejo vir a correr  
Sobre mim meus matadores,  
E fugir os valedores...

Males que eu tanto estimava,  
Quem se nos meteu no meio,  
Em tempo que eu mais andava  
Sem suspeita e sem receio?  
Que grande engano, que enleio!  
Que engeitam os servidores,  
E querem antes senhores!

## IV

*Coração, onde jouvestes,  
Que tam má noite me destes?*

Toda a noite pelejei,  
Eu, que já mais não podia.  
Busquei-vos, não vos achei...  
Sem vós, eu só que faria?  
Destes-me dores de dia;



Pelo que assim me fizestes  
De noite dores me destes.

## V

Se meu tormento me desse  
Lugar para cuidar nele,  
Não me queixaria d'ele.

Foi-me dado um só momento !  
Desde então pude atinar  
Que não fôra ele tormento  
Se me dera este vagar.  
Não m'o quizeram mais dar,  
Porque pudera com ele  
Ter vida, — e morro sem ele !

## VI

Ó meus castelos de vento,  
Que em tal cuita me pusestes,  
Como já vos desfizestes? !

Caístes-me tam asinha,  
Cairam me as esperanças !  
Isto não foram mudanças  
Mas foram a morte minha !  
Castelos sem fundamento,  
Quanto que me prometestes !  
Quanto que me falecestes !

Armei castelos ; erguidos,  
Esteve a fortuna queda,  
E disse : — « Gostos perdidos,  
« Como is a dar tam gram queda ! »  
Mas, ó fraco entendimento,  
Em que parte vos pusestes,  
Que então me não socorrestes ?

## VII

Deixae-me as minhas tristezas,  
Que já'gora outra alegria  
Maior perigo seria !

Os males acostumados  
O mesmo costume os cura.  
Bens tam vanmente esperados,  
Quem nos sofre, quem atura?  
Creei-me com meus cuidados,  
Já 'gora não saberia  
Andar noutra companhia.

## VIII

O meu mal pude-o sofrer ;  
Este, porque todo é vosso,  
Que vos não dôa, não posso.

Vós passae-lo alegremente...  
Mal hajam os maus sinaes,  
Que então são eles mortaes  
Quando homem seu mal não sente.  
Nada sentis ao presente...  
Quanto vos custa este vosso:  
«Assim quero e assim posso» ?

Mas se ahi ha peso e medida,  
Nem de todo é tudo vento...  
Tambem o meu sentimento  
Pode ser sinal de vida.  
Ó esperança comprida,  
Que eu sòmente, pelo vosso,  
Esperar tanto não posso !

## IX

Estes meus olhos, que assim  
Lisongeiam a vontade,  
Se lhe falaram verdade!

Hei medo que me não falem,  
Não me fio no que vejo;  
São segredos do desejo  
Contra quem olhos não valem.  
Não são para mais que assim  
Andar ao som da vontade,  
Chorando a necessidade.

## X

*Saudade minha,  
Quando vos veria?*

Por terra já assi  
Tudo em tal mudança,  
Que faz inda aqui  
Minha esperança?  
A minha lembrança,  
A minha porfia,  
Quem mais aporfia?

Que faz um desejo  
Tam desenganado?  
Que faz o sobejo  
D'este meu cuidado?  
Comigo aferrado  
Quando anoitecia,  
Quando amanhecia!

Saudade e suspeitas,  
A torto e a direito,  
Não sereis desfeitas  
Quando eu for desfeito.

Inda frio o peito,  
Inda a língua fria  
Por vós bradaria.

## XI

*Pois os meus olhos são vos sos,  
Que faço eu  
Em dar a seu dono o seu?*

Quantos conselhos se dão  
Aos olhos com que vos vi!  
Um diz assim, outro assi,  
Razões que não veem nem vão . . .  
Vou após o coração  
Que vos já deu  
Quanto soía a ser seu.

Tudo é em vosso poder;  
De livre que eu aqui vim,  
Não deixastes nada em mim,  
Nem olhos que al possam ver.  
Mas como podia ser  
Ver-vos eu  
E ter mais nada de meu?

## XII

*Que vos farei, meu cuidado?  
Onde vos trarei metido  
Que não sejaes entendido?*

Descobris-vos cada hora!  
Cuidei que era á minha míngua,  
Mas em quanto vedo a língua  
Saís pelos olhos fora.  
E não cuideis que me fôra  
Melhor nunca ser nascido  
Que ser meu mal entendido!

## XIII

*Desenganei um cuidado  
De parte do coração  
Com uma desesperação.*

Tenho a conta feita e cheia!  
O que ha de ser seja logo,  
Pelo ferro e pelo fogo,  
Que não é a morte tam feia.  
Vivi á vontade alheia . . .  
Morra á minha, e, quando não,  
A pesar do coração.

## VIV

*Quem cuidar e quem disser  
Que de matar sois servida,  
Não sabe que cousa é vida.*

Não é dano o que não dana;  
A morte de vossa mão  
Não é morte, é nome vão  
Que á primeira face engana;  
Onde não ha cousa humana,  
Tudo esp'rito e tudo vida,  
Mal jará a morte escondida.

Fica-se porém julgando,  
Entre uma e a outra sorte.  
Se daes vida dando a morte,  
Que fareis a vida dando?  
A fé que vae embicando  
Não vê dos olhos tal vida  
Sòmente porque duvida.

## XV

*Pelo bem mal me quisestes,  
E eu nunca tenha prazer  
Se mal vos posso querer!*

Fôra ela razão igual,  
Mas vêde as leis que amor tem:  
Que em vez de vos querer mal  
Assim vos quero mór bem!  
E passo tanto inda alem  
Do que este mal sóe fazer  
Que me venho a aborrecer.

## XVI

*Que posso de vos dizer,  
Pois que não posso chegar  
C'o desejo a vos louvar?*

Esta van vaidade minha,  
Que tam ousada começa,  
Está sem pés nem cabeça!  
Não deu começo ao que vinha  
A van, que só se mantinha  
Como camaleão do ar;  
Não se atreve a desejar.

Forças, que vos enganaes  
Cuidando em tam altos vôos,  
Já nestes começos taes  
Imos acabando nós.  
Senhora, a quem vos lá pôs  
Tam alta ha graças que dar,  
E a vós que nos perdoar.

Quem será de ver-vos dino?  
Vi-vos, foi a alma pasmada!  
Fui assim como um menino  
Que vê, que se espanta, e brada,  
Não sabe mais dizer nada...  
Pode-se a ver-vos chegar,  
O mais é tudo pasmar!

## XVII

*Acostumei-me à meus males,  
E já acostumado a eles  
Andam por me apartar d'eles!*

Ai que cruel tirania!  
Não sei que nome lhe ponha...  
Não me doe de uma peçonha  
De que eu já agora vivia!  
Quando meus males sentia,  
Quando me queixava d'eles,  
Lá me aviesse com eles!...

Mas depois que já mais brando  
Sentia o mal, por costume,  
Viram-me andar sem queixume,  
Matam-me remédios dando!  
Tudo se vae revezando:  
Males, que tremia eu d'eles,  
Morro com saudade d'eles!





## REDONDILHAS

### I

**Na prisão de um seu galego.  
A seu cunhado Manoel Machado**

Inda que me eu ria e cale,  
E me faça surdo e cego,  
Bem sei eu porque o do Vale  
Correu tanto ao meu galego.  
Como c'um ladrão fez festa!  
Mas inda mal, a la fé,  
Porque um escrito na testa  
Não traz cada um de quem é.

Entre claros, entre escuros,  
Homens de seiscentas cores  
Andam por aqui seguros,  
Não lhe sáem corredores.  
Após quem torna por si,  
E primeiro mata ou morre,  
Não corre o do Vale assi,  
Que após um tolo assim corre!

Bom matador, bom ladrão  
Que fugindo arma entretanto,  
Deixa acolher bastião,  
Que pica e não rende tanto!  
Vive pela tua pena,  
Outrem prenda, outrem condene;  
Nunca toques no da pena,  
Em que te as barbas depene.

Escreve pelo Ribeiro,  
Anda só ao que é proveito.  
Has de pagar-lhe a dinheiro,  
Ganhe-se a torto e a direito.  
Deixa andar os encartados  
Que teem cheios os caminhos  
De virotões ouriçados  
Que são quaes porcos espinhos.

Come e bebe, pois te presta;  
Não cures das assoadas  
Com que veem juntos á festa,  
Tendo-vos todos em nadas.  
E onde vires um coitado  
Que em te vendo perde a côr,  
Ferra d'ele, homem ousado!  
Não se vá tal malfeitor!

Executores da lei,  
Havei vergonha algum dia!  
Este chama: « aqui d'el-rei! »  
Est'outro chama: « á valia! »  
Outro chama: « Portugal! »  
De varas não ha hi míngoa.  
Desata a bolsa, que val'...  
Traze sempre atada a língoa!

## II

**A Antonio de Sá,  
fugindo-lhe uns seus creados**

Partiu Francisco e Florido !  
As más novas logo soam !  
As aves mudadas voam . . .  
Creados mudam vestido,  
E mais se armadas atroam.  
Diz o pae de Salomão,  
Que é homem para alegar,  
Se vos lembra em que lugar :  
— « Quem me comia o meu pão,  
« Tratava de me enganar ! »

Que graça me já contaram  
Ha dias d'um castelhano  
A quem creados tal dano  
Por vezes lhe assim causaram  
Do seu pão e do seu pano.  
Veio o seu dia e achou  
Moços de novo empenados.  
Como os viu adormentados,  
Os vestidos lhe furtou,  
E fugiu aos seus creados !

## EPITÁFIO

### **Na sepultura de uma dama**

De quam pouca terra satisfeita jaz  
A quem toda ela não na merecia!  
Aquele que, triste ou leda, ou como ia,  
Assim punha tudo em guerra ou em paz.  
Levou-no-la a morte cruel, que desfaz  
As maiores cousas com maior presteza...  
Ah Morte! Ah Mundo! a tua riqueza  
De quam pouca terra satisfeita jaz!

---

## Corrigenda e Indice



## PRINCIPAES ERRATAS

---

Pag. 6

Onde se lê:

*Ando c'os meus papeis em difreenças.*

Emende-se para:

*Ando c'os meus papeis em differenças.*

Pag. 9

Onde se lê:

*A força que fará, e á lei estreita,*

Emende-se para:

*Á força que fará, e á lei estreita,*

Pag. 10

Onde se lê:

*Esta ágoa, que cae d'alto, acorda-me-ia,*

Emende-se para:

*Esta ágoa, que cae d'alto, acordar-me-ia,*

Pag. 19

Onde se lê:

*Onde tu já contaste, outrem gemeu.*

Emende-se para:

*Onde tu já cantaste, outrem gemeu.*

Pag. 83

Onde se lê:

*Mantem livre o campo aos gados*

Emende-se para:

*Mantem livre o campo aos gados.*

Onde se lê:

*Que ás escuras tem seu trato ;*

Emende-se para:

*Que ás escuras tem seu trato,*

Pag. 95

Onde se lê:

*Quando vi tudo é mudado ;*

Emende-se para :

*Quanto vi tudo é mudado ;*

Onde se lê :

*«Muitas vezes, e acontece*

Emende-se para :

*«Muitas vezes, e acontece*

Pag. 96

Onde se lê :

*Vê-os, mas a presa o cega,*

Emende-se para :

*Vê-os, mas a pressa o cega,*

Pag. 101

Onde se lê :

*E ponho os dous Cipiões.*

Emende-se para :

*E ponho os dous Scipiões.*

---



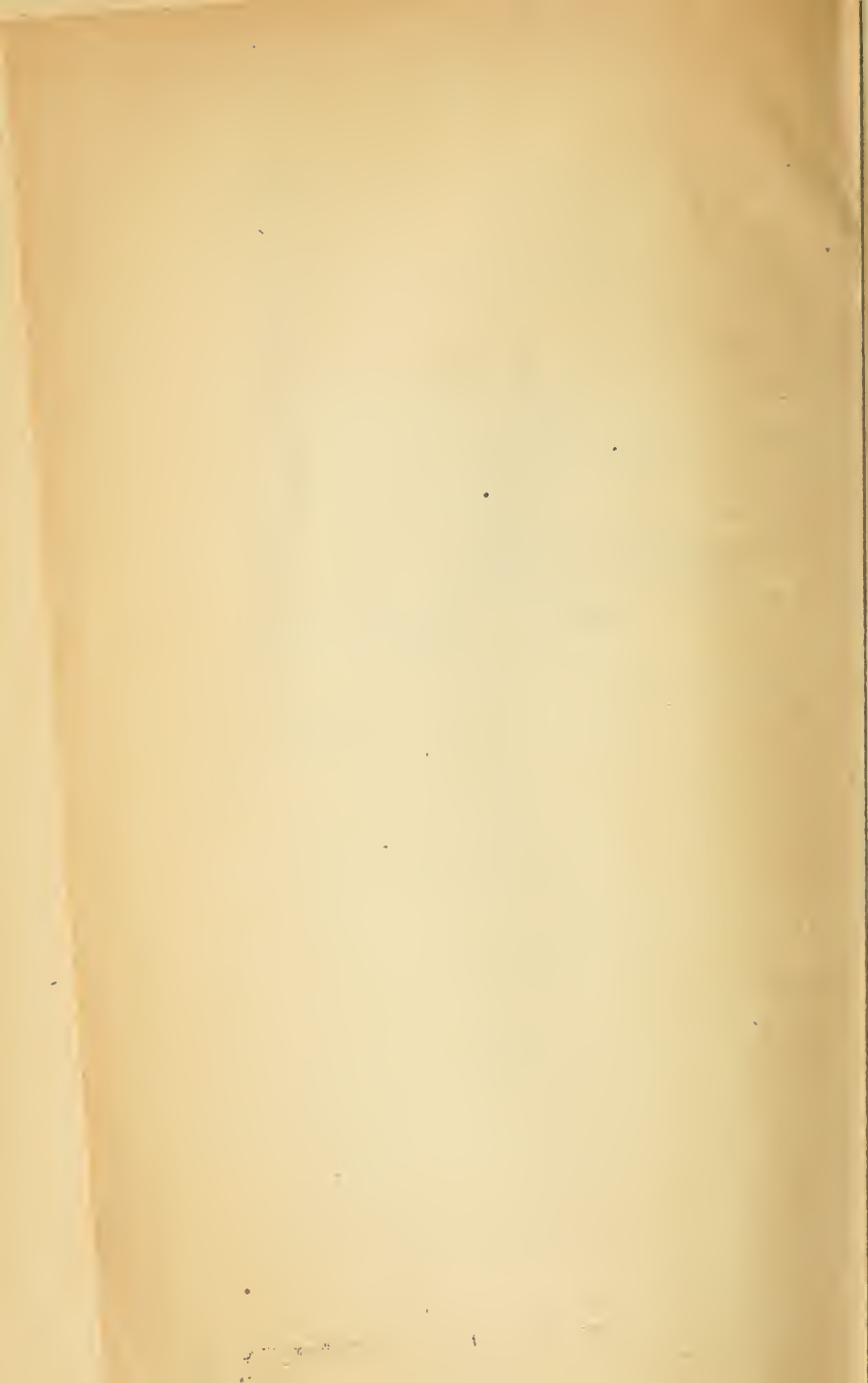
## INDICE

---

SONETOS :	Pag.
I A príncipe tamanho cujo rogo, . . . . .	5
II Inda que em vossa alteza a menor parte..	6
III Tardei, e cuido que me julgam mal, . . . . .	»
IV Aquela fê tam pura e verdadeira, . . . . .	7
V Em pena tam cruel — tal sofrimento, . . . . .	»
VI Desarrazoado amor dentro em meu peito .	8
VII Aquelas esperanças que eu, metido . . . . .	»
VIII Amor que não fará? Fez-me engeitar . . . .	9
IX Não sei que em vós mais vejo, não sei quê	»
X Alma, que fica por fazer desde hoje . . . . .	10
XI O sol é grande, cáem co'a calma as aves..	»
XII Quando eu, senhora, em vós os olhos po- nho, . . . . .	11
XIII Neste começo de ano, em tam bom dia, . . .	»
XIV A' vossa verdadeira penitente . . . . .	12
XV Aquele esp'rito já tam bem pagado . . . . .	»
XVI Este retrato vosso é só sinal, . . . . .	13
XVII Assim que me mandáveis atrever . . . . .	»
XVIII Tantas mercês, tam desacostumadas, . . . .	14
ÉCLOGAS :	
I « <i>Encantamento</i> » . . . . .	15
II « <i>Basto</i> » . . . . .	35
CARTAS :	
I A <i>El-Rei D. João III</i> . . . . .	59
II A <i>Antonio Pereira, senhor de Basto</i> . . . . .	75
III A <i>seu irmão Mem de Sá</i> . . . . .	87
IV A <i>João Rodrigues de Sá de Meneses</i> . . . . .	99
V A <i>Pero Carvalho</i> . . . . .	107
VI A <i>D. Fernando de Meneses</i> . . . . .	119
VII A <i>uma senhora muito lida em nome de certo servidor seu</i> . . . . .	127
VIII A <i>seu cunhado Manoel Machado de Aze- vedo</i> . . . . .	135

ELEGIAS :		Pag.
I	<i>Ao Doutor Antonio Ferreira</i> .....	137
II	<i>A' morte do Principe D. João</i> .....	143
CANÇÕES :		
I	<i>A Nossa Senhora</i> .....	149
II	<i>A' festa da Anunciação de Nossa Senhora</i> .....	155
SEXTINA : Não posso tirar os olhos.....		159
ESPARSAS :		
I	A nossa bula de amor.....	161
II	Porque pudera abafar.....	»
III	Tornou-se-me tudo em vento.....	162
IV	Do passado arrependido.....	»
V	Todas as cousas teem cabo.....	»
VI	Não vejo o rosto a ninguém.....	»
VII	Como não quereis que seja.....	163
VIII	Quando nos meus erros cuidoo.....	»
IX	Cerra a serpente os ouvidos.....	»
X	Mandar em tal tempo luvas.....	164
CANTIGAS :		
I	Que é isto? onde me lançou.....	165
II	Comigo me desavim.....	»
III	Nascido e creado em meio.....	163
IV	Sortes e venturas são.....	»
V	Razão e tempo seria.....	167
VI	Nada do que vês é assi.....	»
VII	Foi-me grande agravo feito.....	»
VIII	Cego d'este meu desejo.....	168
IX	O coração que vos vê.....	»
X	Toda esperança é perdida.....	169
XI	Por estes campos sem fim.....	»
XII	Pois meu mal com quanto é.....	»
XIII	Tudo passa como um vento.....	170
XIV	Olhae a tainha estreita.....	»
XV	Se me este cuidado atura.....	171
XVI	Alma tam sem assossego.....	»
XVII	Mal de que me eu contentei.....	172
XVIII	Uma morte hei de morrer.....	»
XIX	Ledo em meus males sem cura.....	173
XX	<i>En toda la trainontana</i> .....	»
XXI	De quem me devo queixar?.....	174
XXII	Naquela alta serra.....	175
XXIII	Até quando me tereis.....	176
XXIV	Entre temor e desejo.....	177
VILANCETES :		
I	Em paga d'aquela dor.....	179
II	Que mal avindos cuidados.....	»

	Pag.
III <i>Por malos embolvedores</i> .....	180
IV Coração onde jouvestes.....	»
V Se me tormento me desse.....	181
VI O' meus castelos de vento.....	»
VII Deixae-me as minhas tristezas.....	182
VIII O meu mal pude-o sofrer.....	»
IX Estes meus olhos que assim.....	183
X Saudade minha.....	»
XI Pois os meus olhos são vossos.....	184
XII Que vos farei, meu cuidado?.....	»
XIII Desenganei um cuidado.....	185
XIV Quem cuidar e quem disser.....	»
XV Pelo bem mal me quisestes.....	186
XVI Que posso de vos dizer.....	»
XVII Acostumei-me a meus males.....	187
REDONDILHAS :	
I <i>Na prisão de um seu galego</i> .....	189
II <i>A Antonio de Sá, fugindo-lhe uns seus creados</i> .....	191
EPITÁFIO: <i>Na Sepultura de uma dama</i> ..	192
-----	
CORRIGENDA.....	195
INDICE.....	197







LPor  
S1255v

556541

Sá de Miranda, Francisco de  
Versos portuguêsês; ed. revista por D.de  
Brito Monteiro, Guimarães.

**University of Toronto  
Library**

**DO NOT  
REMOVE  
THE  
CARD  
FROM  
THIS  
POCKET**

Acme Library Card Pocket  
**LOWE-MARTIN CO. LIMITED**

